

ÍNDICE

Objetivos	página 05
1 - O Evangelho no lar	página 07
Introdução	página 07
Como começou o Evangelho no lar	página 07
O primeiro Evangelho no lar	página 08
Evangelho realizado nos lares	página 08
Evangelho no Deserto	página 08
Por que realizar o Evangelho no lar - Importância	página 09
Como realizar o Evangelho no lar.	página 09
Leitura de Mensagem	página 10
Prece Inicial	página 10
Leitura do Evangelho	página 10
Vibrações	página 10
Prece de encerramento	página 10
Tempo - Duração da reunião	página 11
Observações importantes	página 11
Questões para estudo	página 12
2 - Introdução - Doutrina Espírita	página 15
Considerações	página 15
Antecedentes	página 15
Os fenômenos de Hydesville	página 15
As mesas girantes	página 16
Allan Kardec: o homem – o codificador	página 17
O homem	página 17
O codificador	página 17
Questões para estudo	página 18
3 - As obras básicas	página 19
Introdução	página 19
O Livro dos Espíritos	página 19
O Livro dos Médiuns	página 20
O Evangelho Segundo o Espiritismo	página 20
O Céu e o Inferno	página 21
A Gênese	página 21
Espiritismo e Espiritualismo	página 22
Questões para estudo	página 23
4 - As três revelações: Moisés – Jesus – Espiritismo	página 24
Introdução	página 24
Primeira revelação – Moisés	página 24
A lei mosaica	página 24
Segunda revelação – Jesus	página 25
Quem é Jesus?	página 25
Terceira revelação – o Espiritismo	página 26

O caráter da revelação espírita	página 26
Estruturação coletiva	página 26
Origem humano-espiritual	página 26
Tríplice aspecto do Espiritismo – Ciência, Filosofia e Religião	página 26
Questões para estudo	página 28
5 - Deus, Espírito e matéria	página 30
A existência de Deus	página 30
Afinal, Deus existe?	página 30
Elementos gerais do Universo	página 31
Matéria	página 31
Espírito	página 31
Questões para estudo	página 32
6 - Formação dos mundos e dos seres vivos	página 34
Formação dos mundos	página 34
Formação dos seres vivos	página 34
Pluralidade dos mundos	página 34
Há muitas moradas na casa de meu Pai	página 35
Classificação dos seres	página 36
Seres inorgânicos	página 36
Seres orgânicos	página 36
Princípio vital	página 36
A vida	página 37
A morte	página 37
Seres animados e inanimados	página 37
Instinto e inteligência	página 37
Inteligência	página 38
Questões para estudo	página 39
7 - Origem, natureza e forma dos Espíritos	página 41
Origem dos Espíritos	página 41
Natureza dos Espíritos	página 41
Mundo espiritual	página 41
Forma e ubiquidade dos Espíritos	página 42
Forma	página 42
Perispírito	página 42
Origem do perispírito	página 42
Ocupações e missões dos Espíritos	página 43
Ocupações	página 43
Espíritos evoluídos	página 43
Espíritos não evoluídos	página 43
Espíritos missionários	página 43
Mediunidade	página 44
Conceito	página 44
Questões para estudo	página 45
8 - Encarnação dos Espíritos	página 47

Finalidade da encarnação	página 47
Expição	página 47
Prova	página 47
Missão	página 47
Pluralidade e unicidade das existências	página 48
Ressurreição e reencarnação	página 48
Ressurreição	página 48
Reencarnação	página 49
Lei de causa e efeito	página 50
O esquecimento do passado	página 50
Questões para estudo	página 51

9 - A vida no mundo espiritual	página 53
Espíritos errantes	página 53
Mundos transitórios	página 53
Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos	página 53
Percepção exterior	página 54
Percepção do tempo	página 54
Conhecimento do passado e futuro	página 54
Percepção da música e belezas naturais	página 54
Intuição de Deus	página 54
Diferentes estados da alma na erraticidade	página 54
Espíritos felizes	página 55
Espíritos em condições intermediárias	página 55
Espíritos sofredores	página 55
Relações de além túmulo	página 55
Questões para estudo	página 56

10 - Diferentes categorias de mundos habitados	página 59
Introdução	página 59
Diferentes mundos	página 59
Mundos primitivos	página 59
Mundos de expiação e provas	página 59
Mundos de regeneração	página 59
Mundos felizes	página 60
Mundos celestes ou divinos	página 60
Encarnação nos diferentes mundos	página 60
A transformação da Terra	página 60
Questões para estudo	página 61

11 - Intervenção dos Espíritos no mundo físico	página 63
O pensamento	página 63
Penetração dos nossos pensamentos pelos Espíritos	página 64
Influências sobre nossos pensamentos e ações	página 64
Os inimigos desencarnados	página 65
Afeições dos Espíritos por certas pessoas	página 66
Anjos da guarda – Espíritos protetores	página 66
Espíritos familiares	página 66

Espíritos simpáticos	página 67
Questões para estudo	página 68
12 - Os três reinos	página 70
Introdução	página 70
Minerais	página 70
Plantas	página 70
Animais	página 71
O ser humano	página 72
Questões para estudo	página 73
13 - Ética espírita	página 75
Introdução	página 75
Principais pontos – ética segundo o Evangelho Segundo Espiritismo	página 75
Caridade – o maior mandamento	página 75
Necessidade da caridade segundo Paulo	página 76
Família – Jesus no lar	página 76
Casamento e divórcio	página 77
As leis	página 77
Formas e aspectos do casamento	página 78
Divórcio	página 78
Livre arbítrio e fatalidade	página 78
O Espiritismo na atualidade	página 79
Questões para estudo	página 81
Bibliografia	página 82

C.E. IRMÃOS DO CAMINHO – CURSO BÁSICO – OBJETIVOS GERAIS

Objetivo geral do Curso Básico:

O objetivo do Curso Básico é que o aluno obtenha conhecimentos essenciais a respeito dos fundamentos da Doutrina Espírita e das leis divinas que regem o mundo físico e o espiritual.

Objetivos específicos – Relação de Aulas:

1- A importância do Evangelho no Lar e da Assistência Espiritual:

Criar o hábito do estudo sistematizado de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, tomando-o como referencial de conduta nas múltiplas situações da vida.

Bibliografia Básica: Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec

2 – Introdução – Doutrina Espírita

Conhecer os fenômenos espirituais que sensibilizaram Allan Kardec a pesquisá-los e posteriormente codificá-los, dando origem ao Espiritismo no seu tríplice aspecto: Ciência, Filosofia e Religião.

Bibliografia Básica: O que é Espiritismo – Allan Kardec

3 - As obras básicas

Que o aluno saiba os temas centrais das obras básicas da codificação espírita e seja estimulado a lê-las, que se habitue a fazer leitura diária de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, e passe a tê-lo como referência no que se refere aos aspectos morais da vida.

4 - As três revelações: Moisés – Jesus – Doutrina Espírita

Conhecer a importância das três revelações no progresso da Humanidade, percebendo a valor que cada uma teve nos estágios evolutivos do ser humano.

Bibliografia Básica: Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo I - Allan Kardec

5- Deus, Espírito e matéria:

Apreender, no limite da capacidade de compreensão humana, o conceito de Deus bem como da formação do Universo físico e espiritual.

Bibliografia Básica: Livro dos Espíritos – Livro Primeiro - Capítulo 01 e 02 - Allan Kardec / A Gênese – Capítulo 02 - Allan Kardec.

6 - Formação dos mundos e dos seres vivos

Ter conhecimento da concepção espírita a respeito do Universo e sua formação e das leis que o regem, bem como dos seres vivos que o povoam.

Bibliografia Básica: Livro dos Espíritos – Livro Primeiro - Capítulo 03 - Allan Kardec / A Gênese – Capítulos 06, 07, 08 e 09 - Allan Kardec.

7 - Origem, natureza e forma dos Espíritos

Apreender o conceito de Espírito.

Saber que as condições de vida dos Espíritos na pátria espiritual relacionam-se intimamente ao progresso moral, que tenham conquistado.

Bibliografia Básica: Livro dos Espíritos – Livro Segundo - Capítulo 01 - Allan Kardec / A Gênese – Capítulos 10 e 11 - Allan Kardec.

8 - Encarnação dos Espíritos

Entender a reencarnação como prova da bondade e justiça de Deus e como instrumento ao progresso infinito a que cada ser criado por Ele se destina.

Bibliografia Básica: Livro dos Espíritos – Livro Segundo - Capítulo 02 - Allan Kardec

9 - A vida no mundo espiritual

Adquirir conhecimentos básicos a respeito do mundo espiritual e da vida dos Espíritos.

Bibliografia Básica: Livro dos Espíritos – Livro Segundo - Capítulo 03- Allan Kardec

10- Diferentes categorias de mundos habitados

Passar a ver o Universo como a casa do Pai e a Terra como uma de suas muitas moradas, sabendo que cada Espírito habita o mundo com o qual sintoniza.

Bibliografia Básica: Livro dos Espíritos – Livro Segundo - Capítulo 04- Allan Kardec

11 - Intervenção dos Espíritos no mundo físico

Compreender que os planos físico e espiritual se inter-relacionam e que o há influências recíprocas entre os seres humanos encarnados e desencarnados.

Bibliografia Básica: Livro dos Espíritos – Livro Segundo - Capítulo 09 - Allan Kardec

12 - Os três reinos

Perceber como é a escala evolutiva dos seres através dos reinos mineral, vegetal e animal e qual o papel do ser humano neste contexto universal.

Bibliografia Básica: Livro dos Espíritos – Livro Segundo - Capítulo 10 - Allan Kardec

13 - Ética espírita

Conscientizar-se de que a felicidade é uma conquista a ser galgada gradativamente na proporção do esforço que cada ser humano empreender para inserir-se na lei divina.

Bibliografia Básica: Evangelho Segundo o Espiritismo – Introdução – Allan Kardec.

1 - O EVANGELHO NO LAR

Introdução:

O Evangelho não é um livro comum, nem de um só povo. É um Código de Princípios Morais do Universo, adaptável à todas as pátrias, à todas comunidades, A todos os povos e à todas criaturas. Nele estão inseridas todas as Leis Divinas.

Ler e executar essas leis é dever de cada cidadão que almeja sua evolução e sua ascensão ao mundo espiritual. Estudar o Evangelho é interagir com a espiritualidade, pois a medida que tomamos conhecimento dos ensinamentos e os colocamos em prática vamos criando vínculos com os amigos espirituais.

A Terra é um grande educandário, nossa casa é a grande oficina onde, com as ferramentas do conhecimento, vamos nos preparando para o nosso crescimento espiritual, e de todos aqueles que vierem habitar o nosso lar com a finalidade de ressarcir os débitos de nosso passado delituoso. Só com o amor, caridade e o desprendimento é que poderemos fazer de nosso pequeno núcleo familiar um paraíso terrestre e assim automaticamente contribuir para a evolução da sociedade terrestre

Andre Luiz em seu livro Nosso Lar, capítulo 20 nos oferece uma descrição sobre o lar: [...] *o lar é como um ângulo reto, sendo que a sua linha horizontal representa o homem com sua busca pelas conquistas materiais, a linha horizontal representa a mulher com sua aspiração divina em busca das aspirações celestiais, o ângulo formado por essas duas aspirações representa o nosso lar, onde unidos pelo amor devemos trabalhar pelo equilíbrio e manutenção do mesmo.*[...]

Baseado em Leis Biológicas, as nossas idas e vindas ao Orbe Terrestre, se faz por meio da atuação de inteligências especializadas que através de estudos de nossas identificações terrestres e espirituais, de nossas vivências no decorrer de vidas sucessivas e por meio do mecanismo das Leis Naturais é traçada a nossa Programação Familiar, onde temos liberdade de escolher (pais, marido, filhos) para o reajuste dos nossos comprometimentos do passado. É, portanto, em nosso lar que vamos nos reajustar com nossos desafetos do passado.

Somente com uma convivência amistosa, diante de todas as divergências que surgirem, é através do amor que aprendemos a desenvolver virtudes: tolerância, compreensão, afabilidade, perdão, necessárias a um bom convívio familiar e, só iremos conseguir aplicando em nosso lar os divinos ensinamentos de Jesus por meio do Evangelho no Lar.

COMO COMEÇOU O EVANGELHO NO LAR

O culto do Evangelho no Lar não é uma inovação: é uma necessidade para que em toda parte os ensinamentos de Jesus possam lançar raízes de aperfeiçoamento e evolução.

PRIMEIRO EVANGELHO NO LAR

A palavra do senhor soou pela primeira vez no lar humilde de Nazaré(casa de Simão Pedro) e certo se fará ouvir por nosso intermédio nos nossos círculos familiares com os quais devemos atender as obrigações que nos compete no tempo.

Jesus aproveitava todas as oportunidades para ministrar seus ensinamentos; estando reunidos na casa de Pedro e percebendo que a conversa estava improdutiva procura mudar o assunto questionando Pedro sobre o trabalho do Oleiro, o Carpinteiro, o Pescador (ver livro Jesus no Lar – capítulo 1), mostrando a relação existente entre eles e o lar.

Assim também é o lar diante do mundo: *é o berço doméstico, a primeira escola, o primeiro templo da alma. [...] A casa do homem é a legítima exportadora de caracteres para a vida comum. Se o negociante seleciona a mercadoria, o oleiro prepara o barro, o carpinteiro lixa a madeira para desempenhar o seu melhor trabalho, pois do contrário não alcançariam seus objetivos, como esperar uma sociedade segura e tranquila sem que o lar se aperfeiçoe? A paz do mundo começa entre quatro paredes, se não aprendemos a viver em paz com os que nos rodeiam como almejar a paz com o próximo?*

— *Pedro, disse Jesus, ascendamos aqui em torno de nós e de quantos nos procuram a assistência fraterna, uma claridade nova. Na mesa de tua casa é servido o pão de cada dia que recebes do senhor, por que não instalar em redor desta mesa a sementeira da felicidade e da paz na conversação e no pensamento edificante. O pai que nos dá o trigo através do solo, envia-nos a luz através do céu.*

E Pedro sem entender bem o que Jesus queria dizer respondeu: Mestre, seja feito como desejas. [...]. E assim Jesus com sua voz meiga falou aos que estavam presentes sobre os ensinamentos do Pai. Foi assim, na casa humilde de Pedro, que se realizou o primeiro evangelho no lar e que deve servir de modelo para todos nos que desejamos encontrar pelos ensinamentos do Cristo a paz e a luz para o nosso lar. Disse ainda Jesus: *“Onde houver duas ou mais pessoas reunidas em meu nome eu aí estarei.”*

EVANGELHO REALIZADO NOS LARES

Saulo de Tarso, cidadão Romano, Doutor da Lei, membro do Sinédrio e discípulo de Gamaliel, era ferrenho perseguidor dos Cristãos. Quando se dirigia a Damasco, com a finalidade de prender Ananias, em pleno sol do meio dia, viu uma luz tão forte que ofuscou sua visão e ouviu uma voz que lhe dizia: *“Saulo, por que me persegues?”*. Saulo caiu do cavalo e de joelhos no chão pergunta: *“Quem és tu?”* - *“Sou Jesus”,* a quem persegues! responde o Mestre... E o que queres de mim?... – Saulo pergunta. *“Levanta-te e entra na cidade, lá será dito o que deveras fazer”* – responde Jesus.

Seus soldados o abandonam, menos um que se compadece dele e o leva para a cidade, onde é socorrido e levado a uma estalagem. Estando na estalagem, Saulo recebe a visita de Ananias que lhe diz: *“Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu na Entrada de Damasco, me enviou aqui para que te recobres a visão”,* e Ananias colocando a mão nos olhos de Saulo lhe devolve a visão. Diante disso Saulo se converte, recebe de Gamaliel os pergaminhos originais escrito por Mateus, estuda-os e se torna um servidor e propagador do Evangelho de Jesus passando a chamar-se Paulo de Tarso.

Paulo e Ananias saem juntos a pregar a Boa Nova, primeiro nos lares, depois em praça pública. Assim nasce **O PRIMEIRO GRUPO DE VISITADORES A REALIZAR O CULTO CRISTÃO DO EVANGELHO NO LAR**. Paulo se tornaria então o maior defensor e divulgador dos ensinamentos do Cristo, levando o Evangelho a muitos países conquistando a simpatia de todos, através de seu trabalho, renúncia e sofrimentos.

EVANGELHO NO DESERTO

Paulo de Tarso a fim de meditar vai para o Oasis, no Deserto, onde por capricho da Natureza, que executa com precisão as ordens do Alto, é hóspede de Áquila e Prisca, casal que havia sido condenado por Saulo às torturas na prisão por ambos serem cristãos e como não reconheceram nele o moço de Tarso o recebem com carinho. Relatam então todos os

sofrimentos passados na prisão bem como a morte do pai de Áquila devido aos maus tratos e abusos por parte dos soldados romanos em nome do Sinédrio .

Paulo sentia-se ferido e envergonhado e com o passar do tempo relata-lhes sua verdadeira identidade e pede-lhes perdão chorando convulsivamente. Emocionados abraçam-se os três e são abençoados pelos espíritos de Estevão e Abigail (ambos mortos sob torturas sob o comando de Saulo de Tarso) que os abençoa.

Após ter conquistado a simpatia do casal, começaram os três a levar o Evangelho de Jesus àquela região formando assim o SEGUNDO GRUPO DE VISITADORES

PORQUE REALIZAR O EVANGELHO NO LAR – IMPORTÂNCIA.

Diante de tantas dificuldades e sofrimentos que passa a Terra (planeta de expiações e provas) necessitamos de reflexões evangélicas para enfrentar qualquer situação com o coração repleto de luz, rumo ao caminho que nos levará ao nosso Pai.

Na realidade, desde os tempos mais remotos, o povo ainda sem o conhecimento, tinha por hábito pagar pelas preces (Indulgências) para garantir seu lugar no Céu. Jamais se cogitou em tomar conhecimento das verdades trazidas pelo Cristo, talvez por comodidade ou porque elas implicavam em mudanças de comportamento, em reformular antigas ideias e transformar atitudes. Somente na experiência familiar, pode-se desatar os laços de desamor que reina em muitos lares e novamente unir, pelos laços do amor que os acompanhará por toda a eternidade.

Batuirá, um Espírito amigo, diz que: *“O culto do Evangelho no Lar uma vez por semana será uma fonte de alegrias e bênçãos.”*

A família reunida ao fazer a oração ligando-se a Jesus, estará batendo a porta da divindade e como disse o nosso Mestre: *“batei e abrir-se-vos-á, pedi e obtereis.”* Neste momento, imediatamente os mensageiros do Cristo virão ao encontro no lar com a finalidade de ajudar, higienizar e purificar o ambiente, fazendo com que cada um busque sua renovação através de sua reforma íntima.

O lar sendo a morada da caridade e do amor, as crianças aprendendo desde cedo os ensinamentos de Deus, tornar-se-ão criaturas do bem com respeito aos direitos do próximo, ajudando-as em suas necessidades e com certeza saberão construir com bases sólidas o seu próprio lar. Na casa onde reina o Evangelho moram a justiça, o amor e a sabedoria pois, quando a família se une no ideal do bem, ondas harmoniosas se desprendem-se de suas mentes, transformando a casa em verdadeiro celeiros de luzes.

O Evangelho no lar é a oportunidade bendita de nos reajustarmos com irmãos com os quais somos devedores de um passado onde entramos num processo de ação e reação por meio do entendimento das leis, a prática do perdão e a convivência mútua nos propicia a oportunidade de entrarmos em contato com forças espirituais que nos protegem e nos ajudam a encontrar a paz e a harmonia com esses irmãos.

Quando realizamos o Evangelho no lar nos sintonizamos com falanges de espíritos, que em tarefa do bem, buscam na Terra um local para refazerem as forças. Andre Luiz, autor espiritual, narra em detalhes no livro Os Mensageiros, a importância do Evangelho no lar. Nos conta que em missão junto a crosta, Andre e Vicente sentiam-se fatigados quando Aniceto, o orientador os convidam a irem a um refugio espiritual, uma residência simples e humilde, mas lindamente iluminada por clarões espirituais. É a casa de Isabel, viúva de Isidoro e é justamente ele quem abre a porta causando espanto aos dois.

Aniceto, instrutor de André explica: *“Quando as criaturas reúnem-se nas bênçãos do culto do Evangelho no lar, terão, como anjo guardião de sua família um espírito protetor, que pode ser um familiar ou um amigo. Este espírito não só nos protege e sustenta na hora da reunião como amorosamente fará parte integrante da família como anjo protetor. O lar que cultiva o evangelho torna-se protegido, pois são levantadas ‘paredes’ espirituais com substâncias sublimes, através do amor, dedicação e ligação com Jesus, isolando-o de miasmas emitidas por Espíritos da crosta e somente entram neste ambiente Espíritos autorizados, mesmo assim entrarão pela porta, que lhes serão abertas pelo guardião.”*

O lar que cultiva a prece transforma-se em fortaleza, e as entidades das sombras experimentam choques de vulto ao contato com as vibrações luminosas emitidas deste lar. Por isso é que se diz que quando o Evangelho é aberto em casa, a luz se faz e as trevas batem em retirada!

Enquanto realizamos o evangelho no lar, amigos espirituais promovem em nossa casa uma renovação do ambiente, retirando fluidos negativos, miasmas, interferências negativas, proporcionando saúde, equilíbrio e bem estar; assim nosso lar vai se iluminando cada vez mais, beneficiando a todos de nossa casa e a todos que estiverem ao seu redor.

Para realizar o evangelho no lar é preciso muita disciplina pois é um compromisso que assumimos com o plano espiritual onde teremos a assistência de amigos, mentores, e até mesmo de alguns parentes que tiverem a permissão de vir participar conosco desse momento sublime.

COMO REALIZAR O EVANGELHO NO LAR

- Escolher um dia e horário que for conveniente a quem for participar, caso haja imprevistos como telefone, desligue-o por uns momentos; campainha, visitas, use de sinceridade convidando –os a participar.

Início da Reunião

- **Começamos com a leitura de livros de mensagens** (Palavras de vida Eterna, Jesus no Lar, Sinal verde, etc.), para preparar o ambiente.

- Prece inicial

Faça uma prece simples e espontânea, recepcionando carinhosamente os irmãos espirituais que ali se fazem presentes pedindo a proteção e inspiração para a realização do evangelho.

- Leitura do Evangelho

Lê-se um trecho do Evangelho (começar do início), com voz amena e clara para que todos possam ouvir e entender. Deve-se comentar sobre o que foi lido (mesmo que se esteja sozinho) pedindo a opinião de todos os participantes, respeitando a opinião de cada participante, mesmo que sejam divergentes.

- Vibrações

É um momento muito importante da reunião onde vamos pedir proteção para o nosso Lar pedindo paz, harmonia entre todos, saúde, equilíbrio (se houver visitas vibrar pelo seus lares). Podemos também vibrar pela paz do mundo, pela união das famílias, pela implantação do Evangelho em todos os lares, mentalizando muita luz para nossa casa, lembrando as palavras de Jesus: *“O que pedirdes em oração crede que o obtereis”*.

- Prece de Encerramento

Também simples e espontânea, agradecendo a Deus, a Jesus, aos amigos espirituais que ali estiveram presentes nos auxiliando e nos dando sustentação durante o Evangelho no Lar. Água Fluida.

Caso a família queira, pode-se colocar água para fluidificar, em jarra ou em copos pequenos para tomar logo após o evangelho, nesse momento a equipe espiritual colocará a medicação necessária para cada um; (não substitui a água que se leva ao centro).

- Tempo

O evangelho no Lar não deve exceder a vinte minutos, se houver a participação de crianças é interessante que se de tarefas a elas, como pôr as águas, pegar os livros e até ler a mensagem se já souber ler, assim irá despertando nela o desejo de participação.

Após o Evangelho no Lar, procurar manter o padrão vibratório que se formou evitando qualquer conversa sobre assuntos inadequados, pois amigos espirituais impregnam nossa casa de fluidos energéticos que envolvem a todos numa atmosfera de paz

O Evangelho no Lar deve ser realizado mesmo que seja por uma pessoa; ai caberá a ela realizar todas as tarefas, não importando o lugar onde ele é feito

Quando acendemos a luz do Evangelho em nosso lar, o ambiente se ilumina, a família fica mais unida pois no ar ficam substâncias renovadoras que vão agindo no íntimo de cada um, trazendo a paz, harmonia e no decorrer do tempo nossa casa torna-se um farol de luz a iluminar a todos ao nosso redor.

Observações importantes

- Na realização do Evangelho no Lar, devemos evitar a prática mediúnica.
- Não devemos suspender a reunião a não ser por motivo relevante.
- Caso esteja viajando realize-o onde estiver, mesmo que sozinha.
- Caso queira mudar de dia e horário, peça licença aos amigos espirituais e marque a nova data.

Imaginemos, se todos os lares fizessem o Evangelho no Lar com conhecimento de causa, conscientes das grandes verdades da vida, seria uma maravilha. O mundo estaria todo iluminado emitindo para o Universo raios coloridos resultantes do pensamento amoroso e dos sentimentos positivos de todos os seus habitantes, com certeza poderíamos dizer que “ O Reino de Deus foi implantado na Terra.

Pesquisa:

EVANGELHO NO LAR – Maria T. Compri

JESUS NO LAR – Neó Lúcio

OS MENSAGEIROS – André Luiz

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- Como se iniciou a prática do Evangelho no lar?

2- Sabemos que a família é composta por Espíritos afins, que visam se auxiliar mutuamente e que também fazem parte do grupo familiar Espíritos altamente endividados, que necessitam conviver no ambiente do lar para cumprir as expiações e provas a que estão sujeitos. Qual a importância do Evangelho neste contexto?

3- Como é construída a atmosfera espiritual do lar?

4- Diante da recusa de um familiar em participar do Evangelho no lar deveremos adotar a postura de:

- () tentar convencê-lo da importância do estudo do Evangelho.
- () forçá-lo a participar.
- () respeitar a sua decisão e orar por ele.

5- Por que há a necessidade de se cumprir rigorosamente o horário pré-estabelecido para o Evangelho no lar?

6- Se no horário de realizar o Evangelho no lar chegarem visitas à nossa casa deveremos:

- () transferir o Evangelho para outro dia.
- () pedir para que voltem em outro momento.
- () convidar para que participem conosco ou, se recusarem, pedir para que aguardem até terminarmos.

7- Se durante a prática do Evangelho no lar uma entidade insistir em se comunicar, e sentirmos que quer nos ajudar, deveremos:

- () permitir que se comunique, pois certamente é um mentor amigo.
- () permitir a comunicação, visto que o ambiente do lar está preparado pelo estudo do Evangelho.
- () bloquear a comunicação, pois o único lugar recomendado para o intercâmbio mediúnico é o centro espírita.

8- Como deve ser a participação das crianças no Evangelho no lar?

Para refletir:

Que relação existe entre a prática do Evangelho no lar e a regeneração do planeta Terra?

2 - INTRODUÇÃO A DOUTRINA ESPÍRITA

Considerações:

Todos falam sobre o Espiritismo, bem ou mal. Mas poucos o conhecem. A idéia de reencarnação e comunicação com os mortos é disseminada em filmes, novelas e romances. Mas as pessoas parecem se esconder do conhecimento real da doutrina. Confunde-se Espiritismo com magia, superstição, credices, sincretismos religiosos, e não se tenta conhecer o sentido e a natureza da codificação espírita.

Não obstante, o Espiritismo é uma doutrina moderna, perfeitamente estruturada por um grande pensador, escritor e pedagogo francês, famoso por sua cultura e por seus trabalhos científicos, e que assinou suas obras espíritas com pseudônimo de Allan Kardec. Ele codificou a mensagem dos Espíritos, dando ao mundo uma nova revelação, uma doutrina que abrange todo o campo do conhecimento.

O Espiritismo avança, pelos seus princípios e seus conceitos, muito além da realidade. É sempre atual e nos proporciona uma nova condição existencial, uma nova perspectiva, e este estudo serve para que façamos uma incursão às possibilidades de conhecimento que o Espiritismo nos oferece em todos os campos das atividades humanas e em face dos inúmeros problemas que nos desafiam nesta hora de mudanças e transição na cultura humana.

Para isso, faz-se necessário o estudo sistemático da doutrina espírita, pois que do próprio ensinamento dos Espíritos extraímos a mensagem:

“Espíritas! Amai-vos, este é o primeiro ensinamento; instruí-vos, este é o segundo.”

Antecedentes:

Os fenômenos espíritas datam desde as mais remotas épocas da antiguidade estão disseminados no tempo e na História da humanidade. A História, a este respeito, está marcada por estes fenômenos de comunicação espiritual, que estão presentes tanto entre os povos mais selvagens quanto entre homens civilizados, com observações feitas por pensadores importantes como Sócrates, Platão, Pitágoras, Empédocles, Buda, entre outros.

Os traços de interferência dos Espíritos, ocorridos desde a origem do ser humano, diferem dos antecedentes do Espiritismo, pois enquanto os Espíritos apresentaram manifestações esporádicas, estes últimos têm a característica de uma “invasão espiritual organizada”, com um determinado objetivo: preparar ambiente para o advento da terceira revelação: a codificação espírita.

As evocações dos Espíritos existiram nas culturas orientais, como, por exemplo, com o código dos Vedas, na Índia. No Antigo e Novo Testamento, observamos vários casos de manifestações espirituais. Paulo, o grande apóstolo de Jesus, em suas cartas reconhecia a prática das manifestações espirituais e alertava quanto à procedência destas manifestações.

Os fenômenos de Hydesville:

A época que costuma se fixar como marco inicial na História do Espiritismo, é quando ocorre o fenômeno das “mesas girantes”, na França, paralelamente aos fenômenos produzidos a partir de 31 de março de 1848 no vilarejo de Hydesville, em Rochester nos Estados Unidos, por intermédio das Irmãs Fox. Podemos ainda lembrar como antecessores importantes, o famoso clarividente sueco Emmanuel Swedenborg, e o notável Andrew

Jackson Davies, que em um livro chamado “Principio da Natureza”, prevê o aparecimento do Espiritismo como doutrina e prática mediúnica.

Hydesville é um vilarejo considerado como o berço do novo espiritualismo, ou seja, o Espiritismo dos povos de língua inglesa. Numa casa humilde, alugada em 11 de dezembro de 1847, vivia a família protestante composta John Fox, sua mulher Margareth e suas filhas menores, Margareth de 14 anos e Caterine (Kate) de 11 anos. Em 1848 foram surpreendidos por barulhos de arranhaduras e estes se intensificavam à medida que o tempo se passava. As crianças se assustavam de tal maneira que não queriam dormir mais sozinhas.

Finalmente, a 31 de março de 1848 houve grande invasão de sons e Kate resolveu desafiar o mistério, travando um diálogo através de palmas. A cada palma de Kate era dada a resposta com pancada correspondente. A menina perguntou então se as pancadas estavam vindo de um Espírito; se fossem deveriam ser dadas duas batidas. A resposta foi afirmativa. Estabeleceu-se assim, nesse dia, a telegrafia espiritual. Um vizinho dos Fox, de nome Duesler, usando o alfabeto para obter respostas mais rápidas, consegue saber que ali houvera um crime, depois comprovado. Entretanto, este episódio não teve como finalidade a punição do culpado, pois a finalidade destes fenômenos era convencer a todos da imortalidade da alma.

Grande número de adeptos da nova crença fez realizar em Rochester a primeira reunião pública para investigar a veracidade dos fenômenos. Figuras notáveis dos Estados Unidos reconheceram sua autenticidade.

O episódio das irmãs Fox teve grande repercussão, devido à intolerância religiosa do meio em que aconteceram tais fenômenos.

É preciso admitir a envergadura moral do casal Fox que, embora renegados pela igreja a que pertenciam, preferiram renunciar a religião que professavam a negar os fenômenos espíritos, ou a abdicar da verdade de que foram testemunhas.

As mesas girantes:

A publicidade que se formou em torno das irmãs Fox teve também o mérito de chamar a atenção para o grande número de médiuns que começaram a sair do anonimato e a revelar suas faculdades, estimulados pelos acontecimentos de Hydesville.

Ocorreu assim, paulatinamente, a anunciada invasão dos Espíritos que se manifestavam em toda parte, pelos mais diferentes médiuns. Foi em fins de 1850 que os Espíritos sugeriram a nova maneira de se comunicarem, em substituição do processo moroso das pancadas. Estes fatos apresentados aos olhos de pesquisadores honestos, eram evidência inquestionável da existência do Espírito.

Mas, as respostas dos Espíritos às perguntas frívolas dos participantes movidos mais pela curiosidade do desconhecido, passaram a constituir motivo de grande interesse, mesmo porque as mesas movimentam-se em todos os sentidos, giravam vertiginosamente ou se elevavam no ar alcançando o teto, produzindo os mais diversos movimentos. Daí em diante as mesas girantes passaram a constituir a grande atração nos salões da sociedade parisiense, como se tais fenômenos fossem meros passatempos.

Na verdade era uma determinação do alto, despertando consciências para a imortalidade da alma e para o recebimento do consolador, prometido por Jesus há muitos séculos e consubstanciado no Espiritismo, que logo seria codificado, pois os tempos eram chegados.

Allan Kardec: o homem – o codificador:

O homem:

Hippolyte Leon Denizard Rivail aos 50 anos era um nome respeitado na França, portador de inúmeras qualidades morais e intelectuais, de tradicional família francesa de magistrados e professores.

Em Lyon, onde nasceu, fez seus primeiros estudos, seguindo depois para Yverdon na Suíça, para estudar no Instituto do famoso professor Pestalozzi. Desde cedo, Hippolyte Leon, destacou-se como um dos mais proeminentes alunos de Pestalozzi. Com a idade de 14 anos ensinava aos seus colegas de estudo, tudo o que aprendia.

Concluindo seus estudos, regressou a Paris onde se tornou conceituado mestre não só em Letras como na Ciência, distinguindo-se como notável pedagogo. Conhecia diversas línguas, entre elas o italiano e o alemão, traduzindo várias obras para o francês. Contraiu matrimônio com a professora Amelie Gabrielle Boudet, conquistando uma preciosa colaboradora. O casal não teve filhos.

Kardec desencarnou na manhã do dia 31 de março de 1869, em virtude de um aneurisma cardíaco.

O codificador:

Hippolyte Leon era um grande estudioso dos fenômenos psíquicos, interessando-se de modo especial pelo estudo do magnetismo. Ouvira falar de mesas girantes através de um amigo de nome Fortier e a princípio mostrara-se cético, em face de sua posição de livre pensador, de homem austero, sincero e observador. Atribuiu estes fenômenos ao magnetismo impregnado às mesas, daí seus movimentos. Após cuidadosa observação percebeu algo inteligente por detrás destes fenômenos, admite então a hipótese da atuação do mundo espiritual. Resolve verificar a procedência dos fatos.

Kardec decide então, aos 51 anos, estudar o fenômeno mediúnico. Passa a freqüentar a casa de diversos médiuns, recebe cadernos contendo anotações de mensagens recebidas anteriormente, discute, analisa, apresenta questões de grande profundidade aos Espíritos, convencido que está da realidade do mundo extra-físico. Estas respostas viriam mais tarde a formar o primeiro livro da codificação: “O Livro dos Espíritos”.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- Assinale a alternativa correta:

O Espiritismo é considerado uma doutrina moderna porque:

- () possibilita o contato com o mundo extra-físico.
- () abrange todo o campo do Conhecimento humano.
- () tem a reencarnação como pilar basilar.

2- Sabemos por relatos históricos que desde a origem do ser humano deu-se o intercâmbio entre o mundo físico e o espiritual. O que distingue as comunicações espirituais que antecederam o Espiritismo?

3- Que importância tiveram os fenômenos de Hidesville para o Espiritismo?

4- Fale sobre a vida de Hipollyte Leon Denizard Rivail.

Para refletir:

Sabemos que o campo da comunicação humana é bastante amplo. Sendo assim por que os mensageiros do Cristo, encarregados da implantação da doutrina espírita no planeta, escolheram se manifestar por meio de fenômenos físicos tais como os movimentos de mesas?

Sugestão:

Leia o livro: “O que é o Espiritismo” – Allan Kardec.

3 - AS OBRAS BÁSICAS

Introdução:

O conteúdo das obras publicadas por Allan Kardec expõe e consolida os princípios e os elementos constitutivos da doutrina espírita, em sua totalidade, segundo o ensino dos Espíritos, sistematizados pelo codificador. Representa um patrimônio ético, científico e filosófico de valor incalculável, pois traduz o esforço concentrado de uma imensa falange de Espíritos sábios e bons, que sob a assistência amorosa de Jesus, acompanharam o trabalho incansável de Kardec.

Constitui-se na realidade, o alicerce insuperável, através do qual, informações outras, de autores recentes, vão sendo paulatinamente assimiladas. Emmanuel, examinando a grandiosidade das obras básicas do codificador, assevera: “Após dezenove séculos de teologia arbitrária, não chegaríamos a compreender o Evangelho e Jesus Cristo, sem Allan Kardec”.

As obras básicas da codificação são as seguintes, por ordem cronológica de edição:

- O Livro dos Espíritos - 18 de abril de 1857
- O Livro dos Médiuns - janeiro de 1861
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - abril de 1864
- O Céu e o Inferno - 1865
- A Gênese - janeiro de 1868

O Livro dos Espíritos:

O grande material estudado por Allan Kardec, mais as centenas de questões propostas às entidades luminosas, deram condições para a criação e publicação de “O Livro dos Espíritos”, em 18 de abril de 1857, data esta que passou a ser considerada como a da fundação do Espiritismo.

“O Livro dos Espíritos” é, em essência, um tratado de perguntas e respostas de caráter filosófico. Em 1.019 itens, o codificador apresenta os princípios basilares da doutrina, que posteriormente foram desenvolvidos nos quatro livros seguintes.

É a espinha dorsal da doutrina do Espiritismo. Todo o conteúdo desenvolvido nas demais obras básicas se constitui de esclarecimentos, elucidações e lições complementares que facilitam a compreensão.

“O Livro dos Espíritos” divide-se em quatro livros:

Livro Primeiro – refere-se a Deus, à criação e aos elementos gerais do universo.

Livro Segundo – versa sobre os Espíritos, as reencarnações, a vida espírita, a emancipação da alma e temas afins.

Livro Terceiro – tem como tema as leis morais.

Livro Quarto – aborda o tema esperanças e consolações.

O Livro Segundo deu origem ao “O Livro dos Médiuns” – a partir do capítulo sexto até o final.

O Livro Terceiro, que trata das leis morais originou “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

O livro “O Céu e o Inferno” decorre do livro IV – esperanças e consolações.

“A Gênese” relaciona-se aos capítulos II, III e IV do livro I e aos capítulos IX, X e XI do Livro II.

Há ainda dois pequenos livros introdutórios: “O Principiante Espírita” e “O que é o Espiritismo”, que não se incluem propriamente na codificação, mas estão diretamente relacionados ao Livro dos Espíritos no que se refere à Introdução e aos Prolegômenos.

No seu aspecto pedagógico “O Livro dos Espíritos” supera a todas as dificuldades, ao ensinar através de perguntas e respostas. Esta forma de apresentação elaborada com grande habilidade pelo pedagogo Rivail possibilita a todas as pessoas a assimilação do conteúdo da obra.

“O Livro dos Espíritos” foi editado por duas vezes. A primeira vez foi, como dissemos, em 18 de abril de 1857 e a segunda, que se tornou a versão definitiva, em 18 de março de 1860.

A primeira edição contém 501 perguntas e a segunda 1019. O conteúdo é o mesmo nas duas edições, sendo que na segunda houve um desdobramento das questões contidas no primeiro livro.

O Livro dos Médiuns:

“O Livro dos Médiuns” encerra a parte prática do Espiritismo: a mediunidade exposta claramente, de acordo com um método e tratada cientificamente.

Este livro foi apresentado com o subtítulo “Guia dos Médiuns e Evocadores”, define-se como o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o meio invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se pode encontrar na prática do Espiritismo.

Primeira parte – Noções preliminares:

Nos primeiros capítulos Kardec aborda as objeções dos que se opunham à mediunidade, explica que nada há de sobrenatural no intercâmbio mediúnico e analisa com clareza as comunicações dos espíritos.

Segunda parte – Das manifestações espíritas:

Nesta parte do livro Kardec esclarece a ação dos Espíritos sobre a matéria. Aborda os tipos de mediunidade, as características dos médiuns, a forma das comunicações espirituais e a identidade dos Espíritos nas comunicações. Analisa também a questão do misticismo e do charlatanismo. No final desta segunda parte, Kardec deixa importantes orientações sobre a atividade dos grupos espíritas, expondo inclusive o regulamento da “Sociedade Espírita Parisiense de Estudos Espíritas”, da qual foi fundador.

Há também diversas comunicações de Espíritos que colaboraram na codificação tais como: o Espírito da Verdade, Santo Agostinho, São Luiz, Erasto, Fénelon, entre outros.

O Evangelho Segundo o Espiritismo:

Com “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, assume o Espiritismo seu caráter nitidamente religioso, pois Kardec se propõe a examinar cuidadosamente as palavras do Cristo e as passagens mais significativas do Novo Testamento, no seu aspecto moral.

Podemos dizer que com a publicação do “O Evangelho Segundo o Espiritismo” inaugura-se o aspecto religioso da doutrina espírita, pois no Evangelho está demarcado de forma nítida o caminho evangélico a ser seguido, como roteiro, por todos nós.

“O Evangelho Segundo o Espiritismo” se baseia no Evangelho de Jesus contido na Bíblia, retirando dali os aspectos morais dos ensinamentos do Mestre e elucidando-os à luz do Espiritismo.

“O Evangelho Segundo o Espiritismo” veio reavivar as palavras de Jesus, que já se encontravam completamente deturpadas. Trouxe até nós a simplicidade do Cristianismo.

O Evangelho de Jesus estabelece os padrões de perfeição a serem almejados por nós. No “O Evangelho Segundo o Espiritismo” esse sublime código de conduta é recordado à humanidade, que já estava agindo às cegas, como se jamais tivesse ouvido a boa nova redentora trazida à Terra pelo Cristo Jesus.

O Céu e o Inferno:

O livro “O Céu e o Inferno”, que tem como subtítulo, “A Justiça Divina segundo o Espiritismo” desmistifica a figura de anjos, demônios, céu e inferno, além de mostrar o princípio universal da Lei de Ação e Reação.

Estudando esse livro fica claro para nós que “A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória”, pois há testemunhos pessoais de Espíritos, que nos contam os sofrimentos pelos quais passaram no mundo espiritual em virtude de ações praticadas, enquanto encarnados.

Fica claro no livro que a felicidade dos Espíritos é sempre proporcional à felicidade que proporcionaram aos outros.

Mostra que não há inferno, onde permanecem as almas condenadas, mas sim há uma justiça divina, sempre caminhando a par com a misericórdia. Explica que todo erro pode e deve ser reparado e que só com essa reparação é possível a liberdade para se caminhar rumo a Jesus.

Também esclarece que não existe o céu como um lugar circunscrito no mundo espiritual reservado aos bons, este se constitui de estados de espírito criados por nós mesmos, podendo-se, portanto, estar no céu ou no inferno em qualquer lugar em que estivermos, dependendo da sintonia mental e dos sentimentos emitidos.

Não há, portanto, lugares específicos no espaço destinados ao descanso ou ao sofrimento eterno.

A Gênese:

No livro “A Gênese”, Allan Kardec interpreta o Antigo e o Novo Testamento, segundo a Ciência Espírita. Nas primeiras linhas da introdução, escreveu: “A nova obra constitui mais um passo a frente, nas conseqüências e nas aplicações do Espiritismo; tem por fim o estudo de três pontos que foram até hoje diversamente interpretados e comentados: A Gênese, os milagres de Jesus e as predições encontradas nos Evangelhos”.

No prefácio do livro Kardec afirma que no Espiritismo não se encerram mistérios nem teorias secretas, tudo nele tem que estar patente para que todos possam avaliar com conhecimento de causa. Nos primeiros capítulos há considerações sobre a existência de Deus, sobre os instintos dos seres vivos e a inteligência.

Do capítulo 4º ao 9º há uma síntese sobre a formação do Universo. A partir do capítulo 10º há revelações da gênese orgânica, onde Kardec delineia a escala dos seres vivos, tratando a espécie humana como o último elo da cadeia evolutiva.

O Capítulo 11º - Gênese Espiritual – explica a diferença entre o princípio espiritual e o princípio vital, a lei do progresso espiritual, bem como a origem do ser humano na Terra.

No capítulo 12º há um esboço geológico da Terra em que é apresentada de forma científica, de acordo com os conhecimentos da época, a gênese de Moisés - os seis dias da criação da Terra.

Finalmente discorre sobre os milagres descritos no Evangelho, expondo que milagres, no sentido de derrogação da lei natural, não existem. Na realidade os milagres nada mais são do que manipulações de fluidos.

O mesmo se pode dizer em relação às profecias. Nada há de sobrenatural. Kardec demonstra que quanto mais evoluído é um espírito, maior é a sua capacidade de

compreender a marcha dos fatos, respeitando-se sempre o livre arbítrio, inerente ao ser humano.

Espiritismo e espiritualismo:

“O Livro dos Espíritos”, obra essencial da Doutrina Espírita, apresenta-se inicialmente sob o título “Filosofia Espiritualista”. Importa, assim, inicialmente, questionar qual a relação entre o Espiritismo e Espiritualismo, e porque se apresenta como Filosofia.

Allan Kardec, ao codificar a Doutrina Espírita, houve por bem criar os vocábulos Espiritismo e espírita, distintos de Espiritualismo e espiritual, para maior clareza e precisão de conceitos.

Por Espiritualismo, entende-se a doutrina filosófica, segundo a qual o Espírito constitui a substância de toda realidade, e que tem por base a existência de Deus e da alma. Efetivamente o Espiritualismo opõe-se ao Materialismo, para o qual a única substância existente é a matéria. Sob este aspecto, a doutrina espírita está plenamente identificada com o Espiritualismo, enquanto gênero a que pertence, mas quanto à especificidade, vai mais além, na medida em que lhe acrescenta os seguintes princípios básicos:

- 1 - Possibilidade de comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material.
- 2 - Pluralidade das existências.
- 3 - Pré-existência e imortalidade da alma.
- 4 - Justiça natural: as penas e recompensas nada mais são que consequência natural de ações praticadas
- 5 - Progresso infinito do Espírito

Como generalidade, portanto, “O Livro dos Espíritos” representa uma das fases do Espiritualismo, mas como especificidade contém a Doutrina Espírita. Esta é a razão porque traz sobre o título as palavras: Filosofia Espiritualista.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- Complete corretamente as frases abaixo com o nome do livro da codificação espírita.

- Com a publicação do _____ se inaugura o aspecto religioso do Espiritismo.

- O _____ representa a parte científica do Espiritismo.

- O livro _____ explica cientificamente a origem os milagres, entre outros temas.

- A obra de síntese que deu origem às demais obras da codificação espírita é _____.

- A lei de ação e reação é o tema central do livro _____.

2- Interprete a fala: “Podemos estar no céu ou no inferno em qualquer lugar em que estivermos”.

3- Em que sentido “O Livro dos Espíritos” pode ser considerado uma “Filosofia Espiritualista”?

4- Por que é incorreto se utilizar como sinônimos os termos Espiritismo e Espiritualismo?

5- Pesquise o significado de “Prolegômenos”.

Sugestão:

Inicie o estudo de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” pela Introdução que, além de conter os objetivos da obra e informações importantes sobre o Espiritismo, traz dados históricos indispensáveis ao entendimento do livro.

4 - AS TRÊS REVELAÇÕES: MOISÉS - JESUS - ESPIRITISMO

Introdução:

Revelar, do latim “revelare”, significa, literalmente, sair de sob o véu, e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. A característica principal de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar o segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato, e por consequência, não existe revelação.

No sentido especial da fé religiosa, a revelação se refere, mais particularmente, às coisas espirituais que o ser humano não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos, e cujo conhecimento Deus lhe dá através de Seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a seres humanos predispostos, designados sob o nome de profetas ou messias.

Todas as religiões tiveram seus reveladores, e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam, e aos quais, eram relativamente superiores.

Kardec assevera que três foram as grandes revelações da lei de Deus: a primeira representada por Moisés, a segunda por Jesus e a terceira e última revelação foi o Espiritismo.

Emmanuel, no livro “O Consolador”, trata o tema da seguinte forma:

“Até agora, a humanidade da era cristã, recebeu a grande revelação em três aspectos essenciais: Moisés trouxe a missão da Justiça; o Evangelho, a revelação insuperável do Amor e o Espiritismo, em sua feição de cristianismo redivivo, trouxe, por sua vez, a sublime tarefa da verdade”.

Primeira revelação – Moisés:

Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único e soberano Senhor e orientador de todas as coisas; promulgou as leis do Sinai e implantou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, purificando-se havia de espalhar-se por sobre a Terra. Sobre Moisés, assim se refere Emmanuel:

“Moisés trazia consigo as mais elevadas faculdades mediúnicas, apesar de suas características de legislador humano. É inconcebível que o grande missionário dos judeus e da humanidade pudesse ouvir o espírito de Deus. Estais, porém, habilitados a compreender que a lei, ou a base da lei – os dez mandamentos, foi-lhe ditada pelos emissários de Jesus.

Examinando-se seus atos enérgicos de homem, há a considerar as características da época em que se verificou sua grande tarefa. “Com expressões diversas, o grande enviado não poderia dar conta exata de suas preciosas obrigações, em face da humanidade ignorante e materialista”.

A lei mosaica:

Há duas partes distintas na lei mosaica: a lei de Deus, promulgada sobre o Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida pelo próprio Moisés. Uma é invariável; a outra é apropriada aos costumes e ao caráter do povo e se modifica com o tempo.

A primeira é lei de todos os tempos e de todos os países, e tem, por isso mesmo, um caráter divino. A segunda foi criada pelo missionário para manter o temor de um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual se tinha de combater abusos arraigados e preconceitos adquiridos durante a escravidão no Egito.

André Luiz, referindo-se à parte divina da lei mosaica, diz:

“Os dez Mandamentos recebidos mediunicamente pelo profeta brilham ainda hoje por alicerce de luz na edificação do Direito, dentro da ordem social”.

Segunda revelação – Jesus:

A segunda grande revelação da lei de Deus, na concepção de Kardec, foi apresentada por Jesus.

Segundo André Luiz:

“Com Jesus, a Religião, como sistema educativo, alcança eminência inimaginável. Nem templos de pedra nem rituais. Nem hierarquias efêmeras, nem avanço do poder humano. O Mestre desferrolha as arcas do conhecimento enobrecido e distribui-lhes os tesouros”.

Kardec, examinando a revelação cristã lembra que o Cristo, tomando da antiga lei o que é o eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a revelação da vida futura, de que Moisés não falara, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem depois da morte.

Acrescenta Kardec que a filosofia cristã estava sedimentada em uma concepção inteiramente nova da divindade. Esta já não era mais a concepção de um Deus terrível, ciumento, vingativo, como O apresentava Moisés, mas um Deus clemente, soberanamente bom e justo, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao vicioso e dá a cada um segundo as suas obras. Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

Quem é Jesus?

Lembra o Espírito Emmanuel que: “De forma alguma, poderíamos fazer um estudo minucioso da psicologia de Jesus, por nos faltar maturidade espiritual para tanto”.

No entanto, a respeito do Messias, sabe-se que Ele foi o enviado de Deus, a representação do Pai junto ao rebanho de filhos transviados de Seu amor e Sua sabedoria. Diretor angélico do orbe terreno acompanhou todo o processo de formação da Terra, o primórdio da vida no planeta, e vem seguindo, com a mais extremada atenção, a todos os Espíritos vinculados ao orbe terrestre.

Mostra Emmanuel que Jesus não pode ser compreendido como um simples filósofo, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, conseguidos à custa de inumeráveis encarnações em mundos, hoje já inexistentes. Esteve encarnado em nosso planeta uma única vez, e tornou-se, na expressão do codificador, o “modelo e guia para a humanidade” - (“O Livro dos Espíritos” – questão 625).

Terceira revelação – o Espiritismo:

Allan Kardec apresenta o Espiritismo como sendo a terceira revelação da lei de Deus, O consolador prometido aos homens por Jesus, conforme anunciado por João - (Evangelho – João 14: 15, 17, 26).

“Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro consolador, para que fique eternamente convosco, o Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece. Mas vós o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará em vós. Mas o consolador, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que eu tenho dito”.

Kardec, examinando o tema, afirma: “O Espiritismo vem no tempo assinalado, cumprir a promessa do Cristo. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo explanou por meio de parábolas. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos porque ele fala sem figuras e alegorias”.

Da mesma maneira que Jesus não veio destruir a lei mosaica, apresentada quinze séculos antes Dele por Moisés, assim também o Espiritismo não vem derogar a lei cristã, mas completá-la, desenvolvê-la, enriquecê-la. Nesse sentido, o Espiritismo se propõe a revelar tudo aquilo que Jesus não pode revelar naquela época em função da pouca maturidade espiritual de sua gente. Ele é, portanto, obra do Cristo, que o preside e o acompanha, objetivando a recuperação moral da humanidade.

O caráter da revelação espírita:

Do ponto de vista de uma revelação religiosa, o Espiritismo apresenta algumas características particulares:

Estruturação coletiva:

A primeira revelação teve sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum; as duas primeiras foram individuais, a terceira é coletiva, e aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala.

Lembra Kardec: “Que as duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a idéia se propagou pouco a pouco; mas foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isto de particular: não estando personificada num só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação”.

Origem humano-espiritual:

Surgindo o Espiritismo numa época de emancipação e maturidade espiritual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a representar papel passivo, em que o ser humano nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa – tinha ele de ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame. Assim sendo, os Espíritos propõem-se a ensinar somente aquilo que é mister para guiar o ser humano no caminho da verdade, mas se abstém de revelar o que este pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes que adquira experiência à sua própria custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais, cabe a ele aproveitá-los e pô-los em obra.

O Espiritismo, portanto, tem uma dupla origem: espiritual, pois sua estrutura doutrinária foi em grande parte ditada pelos Espíritos superiores preparados para este fim, e nesse sentido ele é uma revelação. Mas tem também uma origem humana, pois foi e continua sendo enriquecido, trabalhado e burilado por espíritas cultos e dedicados que dão o melhor de si no aperfeiçoamento da obra.

Tríplice aspecto do Espiritismo – Ciência, Filosofia e Religião:

Embora represente uma face do Espiritualismo, cumpre esclarecer que o Espiritismo difere de toda e qualquer ramificação espiritualista religiosa, na medida em que não possui “dogmas” propriamente ditos, mas antes se fundamenta na razão e nos fatos. Sob esse

aspecto o Espiritismo é considerado uma doutrina tríplice, pois sua estrutura se constitui em Ciência, Filosofia e Religião.

É Ciência, pois possui como fundamento a parte experimental, ou seja, idéias organizadas sistematicamente a partir dos fatos, dos fenômenos mediúnicos, das manifestações em geral. Para tanto emprega, efetivamente, o método experimental.

É Filosofia, pois sua temática abrange essencialmente objetos de conhecimento que estão além da experiência sensível, qual: a existência de Deus, os princípios constitutivos do Universo, as Leis Morais e outros. Para tanto, possui como instrumento seguro o método racional.

É Religião na medida em que seu fim último consiste na restauração do Evangelho e na prática dos princípios cristãos. Importa, porém, considerar que, embora de essência religiosa, o Espiritismo não se vale de formalismos exteriores, de práticas sagradas, rituais ou técnicas coletivas, mas a busca de religiosidade dá-se na intimidade afetiva de cada um, a partir de uma atitude interior consciente.

Estes três aspectos encontram-se bem definidos na codificação espírita, respectivamente: “O Livro dos Médiuns”, “O Livro dos Espíritos” e “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

Em seus aspectos científicos e filosóficos, a doutrina será sempre um campo de investigações humanas. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do ser humano para a grandeza de seu imenso futuro espiritual.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- Complete a frase abaixo, marcando a opção correta.

O essencial para que ocorra uma revelação é:

() a fé.

() a verdade.

() o momento histórico.

2- Associe segundo as considerações de Emmanuel contidas no livro “O Consolador”.

A – Moisés () Amor

B – Jesus () Verdade

C – Espiritismo () Justiça

3- O que representam para a humanidade os profetas ou messias?

4- O que caracterizou a missão de Moisés como profeta e como homem?

5- Quais as características das duas partes que basicamente compõe a lei mosaica?

6- Que alterações fez Jesus na lei mosaica?

7- Fale sobre a concepção de Deus na lei do Cristo e na lei mosaica.

8- Por que o Espiritismo tem o caráter de estruturação coletiva?

9- Explique porque o Espiritismo é:

Ciência:

Filosofia:

Religião:

Sugestão:

Faça de “O Livro dos Espíritos”- Allan Kardec – o seu livro de cabeceira e leia um pequeno trecho todos os dias.

5 - DEUS, ESPÍRITO E MATÉRIA

A existência de Deus:

Quando o ser humano pré-histórico voltou seus olhos pela primeira vez para o céu noturno, repleto de estrelas, ou quando se admirou diante da Natureza exuberante que o cercava, ou ainda quando passou a descobrir-se como um ser de ideias e sentimentos, adentrou os domínios dos “mistérios” da Criação.

Iniciava-se, então, de modo extremamente primário, a formação da ideia acerca da existência de Deus. A partir daí, através de práticas das mais extravagantes, tentou a comunicação com Deus, num processo que culminou com a própria humanização da divindade. O ser humano passou a conceber Deus à sua imagem e semelhança. Foi assim que se organizaram as mais diversas religiões.

Afinal, Deus existe?

O fato de nunca ter existido um povo ateu sobre a face da Terra parece responder à pergunta. Mas, os sentidos humanos são inadequados para o conhecimento de Deus, em sua natureza íntima. Por isso, muitos ainda vacilam em afirmar categoricamente a sua existência. Contudo, “Deus existe, não o podeis duvidar, e isso é o essencial” (O Livro dos Espíritos – questão 14).

Qualquer artifício ou método que queiramos aplicar para prová-lo é inútil. Qualquer fórmula utilizada para descrevê-lo ou mostrá-lo, como na mitologia greco-romana ou na religião dogmática, é imprópria. Como bem expressou Leon Dennis: “há coisas que, de tão profundas, só se sentem, não se descrevem”.

A doutrina espírita nos apresenta um conceito fabuloso de Deus: a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas. Mas, a ideia vem enriquecida por alguns dos atributos da divindade, que revelam ao ser humano algumas das perfeições divinas: Deus é eterno, único, imutável, imaterial, soberanamente justo e bom...

É sobre este último atributo, o da justiça divina, que se fundamenta o princípio da reencarnação. Se o plano divino traçado para nós é a perfeição, Deus nos proporciona os meios de consegui-la, com as provas da vida corpórea, onde nos depuramos, submetendo-nos à uma nova existência, condição necessária da evolução do Espírito, sem a qual permaneceríamos estacionários.

Depois de analisar cada atributo de Deus, Kardec conclui: “Tal é o eixo sobre o qual repousa o edifício universal; é o farol pelo qual os raios se estendem sobre o universo inteiro, única luz capaz de guiar o homem na pesquisa da verdade. Orientando-se por essa luz, ele nunca se transviará. Se, portanto, o homem há errado tantas vezes, é unicamente por não ter seguido o roteiro que lhe estava indicado”.

Tal também o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Para apreciá-las, dispõe o ser humano de uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar a si mesmo que toda teoria, todo princípio todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só que seja desses atributos, que tenda não tanto a anulá-lo, mas simplesmente a diminuí-lo, não pode estar com a verdade.

Em Filosofia, em Psicologia, em Moral, em Religião só há de verdadeiro o que esteja conforme aos atributos divinos sem que se afaste, nem um til das qualidades essenciais da Divindade.

Kardec diz no livro “A Gênese” – capítulo 2: “A religião perfeita será aquela de cujos artigos de fé, nenhum esteja em oposição àquelas qualidades; aquela cujos dogmas todos suportem a prova dessa verificação sem nada sofrerem”.

É o próprio Universo que oferece evidências materiais acerca da existência de Deus. Em nossa consciência, estão escritas as suas leis infinitamente perfeitas. (O Livro dos Espíritos – questão 621)

O sentimento inato da existência de Deus, que trazemos no coração, é a marca do obreiro em sua obra. Ora, “vede a obra e procurai o autor!”, diz-nos o Espírito da Verdade. Se o efeito que se vê é inteligente, sua causa só pode ser inteligente. O que não é obra do homem, só pode ser obra de um poder inteligente. Esse poder é Deus!

Elementos gerais do Universo:

Desde a Antiguidade, quando o ser humano começou a formar a base de seu conhecimento, uma das coisas que mais o fascinavam era o princípio das coisas. Assim foi, por exemplo, com os primeiros filósofos gregos, como Tales de Mileto, Heráclito de Éfeso, Demócrito de Abdera, entre outros. Estes filósofos procuravam saber de que as coisas eram formadas, e cada um deu sua explicação, limitada à sua época, ao entendimento das pessoas e à inexistência de uma Ciência organizada.

O Espírito da Verdade veio revelar à Humanidade que ao ser humano não é dado conhecer todas as coisas aqui na Terra. (O Livro dos Espíritos – questão 17) Falta-lhe desenvolver outras faculdades ainda desconhecidas, assim como a condição moral. Os sentidos, da mesma forma, não lhe permitem senão o conhecimento do mundo material e da realidade em que está inserido. A inteligência limitada, ainda, só lhe permite acessar uma parcela ínfima do conhecimento de tudo o que existe. Quando o dominar por completo, terá chegado à perfeição, porém, na medida em que se depura pelo amor e pelo saber, vai penetrando por si mesmo os mistérios da Natureza. (O Livro dos Espíritos – questão 898)

O que o ser humano não consegue aprender, Deus permite que lhe seja revelado, para ajudá-lo na marcha do progresso. Essa compreensão é lenta e gradual. Ao elemento sentimental deve-se somar o valor intelectual; assim, fundem-se o amor e a sabedoria.

A Ciência humana trouxe-nos; a partir das civilizações mesopotâmica, egípcia, hebraica e, principalmente, a grega; o conhecimento do Universo, ainda que de forma rudimentar. Com o grande desenvolvimento da Ciência, a partir do século XVII, as leis físicas, da matéria, foram descobertas, graças aos estudos de Lavoisier e Newton.

Todavia o Universo não é feito só de matéria, de sorte que o conhecimento humano carecia ainda de ampliação. O Universo até então conhecido era estreito demais, tendo as suas fronteiras colocadas onde os sentidos humanos e os instrumentos da Ciência podiam alcançar – o que era pouco ainda. Vez por outra, eminentes filósofos como Kant, por exemplo, estudando a Astronomia, alargavam esses limites.

Somente na segunda metade do século XIX, com o advento do Espiritismo, em seu tríplice aspecto: Ciência, Filosofia e Religião, o mundo espiritual abriu-se ao ser humano, mostrando-lhe um Universo infinito formado por dois elementos fundamentais: a matéria e o espírito.

Acima de ambos, Deus, a Inteligência Suprema e causa primária de todas as coisas, constituindo assim a Trindade Universal. Não de pessoas, mas de substâncias distintas e autônomas: Deus, Espírito e matéria.

Matéria:

A matéria já foi definida pela Ciência como aquilo que tem extensão, que pode impressionar os sentidos e é impenetrável. Mero esforço humano para compreender o que lhe é visível, palpável, sensível. Por isso, no passado distante, o ser humano falava de quatro elementos formadores de todas as coisas: a água, o fogo, a terra e o ar. Essas eram as quatro essências conhecidas na Antiguidade.

Com a estruturação da Química, surge a Tabela Periódica, inicialmente com pouco mais de cinquenta elementos, depois ampliada para noventa e dois elementos, e hoje contando com mais de cem. Esses mesmos elementos, que consideramos simples, não são mais do que modificações de uma substância primitiva.

A matéria também existe em estados que desconhecemos, podendo ser tão etérea e sutil que não produza nenhuma impressão aos nossos sentidos. O fluido universal, ou fluido cósmico, é a matéria elementar primitiva, cujas modificações, ou transformações, constituem a variedade inumerável dos corpos da Natureza. Este fluido, imponderável e inabordável pelos instrumentos humanos, é o que podemos chamar quintessência, ou matéria quintessenciada, matéria do mundo espiritual.

A matéria, que começa no átomo, encontra-se no Universo, em dois estados distintos, eterização e condensação. No primeiro, temos os fenômenos do mundo invisível, que são da alçada do Espiritismo. No segundo, os fenômenos do mundo visível, da alçada da Ciência.

No seu ponto de partida, o fluido universal encontra-se em grau de pureza absoluta.

Na nossa realidade existencial, a matéria divide-se em orgânica, formando os corpos dos seres vivos: seres humanos, animais e plantas; e inorgânica, encontrada nos minerais, na água, no ar...

Espírito:

“Que é o Espírito?”, perguntou Kardec ao Espírito da Verdade. (O Livro dos Espíritos – questão 23)

A resposta foi objetiva e precisa: “O princípio inteligente do Universo”. Logo se vê que é um elemento que não se confunde com a matéria. Enquanto esta tem as propriedades acima enumeradas, o Espírito tem atributos, entre os quais destaca-se, como essencial, a inteligência: “Vossa alma é um Espírito que pensa”. (O Livro dos Espíritos – questão 460)

Os Espíritos como indivíduos, como os seres inteligentes da Criação, têm como ponto de partida este princípio e são permanentemente regidos pela lei do progresso.

Partindo da condição de seres simples e ignorantes, e dotados de infinitas potencialidades, todos os Espíritos estão destinados à perfeição, que implica no conhecimento de todas as coisas.

A doutrina da reencarnação, que corresponde à ideia da justiça de Deus, é que, como dissemos, nos permite caminhar de um extremo ao outro, dando a cada existência, um passo na senda do progresso, através da consciência, da razão, da vontade, da inteligência e do livre-arbítrio.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- O ser humano iniciou a percepção da existência de Deus através:

() da Natureza.

() dos fenômenos mediúnicos.

() da consciência da sua imortalidade.

2- Que fato comprova desde os tempos remotos da humanidade a existência de Deus?

3- Como o Espiritismo define Deus?

4- O que impossibilita ao ser humano a posse de todo o conhecimento a respeito de Deus e do Universo?

5- A matéria se encontra na Natureza nos estados _____ e _____.

A qual estado se subordinam os fenômenos?

Físicos _____

Espirituais _____

6- Como “O Livro dos Espíritos” define Espírito?

7- Que atributo distingue o Espírito dos animais que vivem na Terra?

6 - FORMAÇÃO DOS MUNDOS E DOS SERES VIVOS

Formação dos mundos:

Entende-se por universo os astros e os mundos visíveis ou não, que se movem no espaço e tudo o que eles contêm: seres animados e inanimados, assim como os espaços e os fluidos que o cercam.

Obviamente o universo não pode ter gerado a si mesmo. Se assim fosse, confundir-se-ia com o próprio Deus. Por outro lado se existisse por toda a eternidade sem ter sido criado, não poderia ser obra de Deus e também se confundiria com Ele. Não resta outra opção de bom senso, senão a de que o universo é obra de Deus.

Ninho gerador de toda massa incomensurável, o fluido universal era energia a princípio difusa, que após concentrar-se foi se fragmentando aos poucos em miríades de núcleos menores a agigantar-se e expandir-se em nuvens de partículas, que através dos milênios foram se transformando progressivamente em matéria, processo esse que se mantém até nossos dias a revelar a grandeza de Deus. A condensação dessa matéria espalhada no espaço infinito é que pontilhou de sóis, mundos, estrelas, astros, asteróides e cometas, com infinita variedade de massas, luminosidade e propriedades. A força de atração entre os corpos celestes mantém o equilíbrio de modo à posição de cada um deles permanecer estável em relação aos demais.

Os cometas, em suas órbitas aparentemente conflitantes com a clássica disciplina cósmica, são um começo de condensação da matéria, são mundos em via de formação. Cada corpo celeste tem a sua parte de influência, mas ela é restrita a certos aspectos físicos de equilíbrio de forças, como a Lua, por exemplo, que funciona como âncora da Terra.

Mundos já completamente formados desaparecem desintegrando-se e sua matéria espalha-se novamente no espaço: Deus renova os mundos como renova os seres vivos - ("O Livro dos Espíritos" – questão 41).

Formação dos seres vivos:

No começo tudo era o caos, temperatura elevadíssima mantinha fundidos os elementos de sua constituição. As substâncias que hoje são líquidas eram gasosas enquanto que os sólidos eram líquidos. Só pouco a pouco tudo foi se acomodando até organizar-se o clima adequado ao aparecimento dos seres vivos.

Os germens responsáveis pela formação dos seres vivos estavam contidos na Terra em estado latente, aguardando o momento favorável para seu desenvolvimento. Os elementos orgânicos, antes da formação da Terra, estavam no espaço em estado fluídico, entre os Espíritos ou em outros planetas, aguardando a maturação do novo mundo para iniciarem uma nova existência. Nos momentos propícios à exclusão, foram surgindo sucessivamente cada uma das espécies. Os seres de cada linhagem, por sua vez, foram se reunindo pela lei de afinidade e se multiplicaram.

Os seres humanos já não se enquadram mais entre as espécies que se formaram espontaneamente como na sua origem, pode-se dizer que, uma vez dispersos sobre a Terra, absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua formação, para transmiti-los segundo as leis da reprodução. O mesmo aconteceu com as demais espécies de seres vivos - ("O Livro dos Espíritos" – questão 49).

Pluralidade dos mundos:

Há na Terra seres humanos que ainda imaginam que somente este pequenino planeta tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Muitos até pensam que os astros brilham no céu apenas para alegrar seus olhos. Não se pode pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que não concebe inutilidades e, certamente criou – e povoou com seres vivos – uma pluralidade de mundos com uma destinação bem mais séria do que a recreação dos homens.

Para se ter uma ideia da imensidão e infinitude do Universo, basta dizer que entre os tantos bilhões de galáxias, a mais próxima da nossa, considerada sua irmã gêmea, a galáxia de Andrômeda, dista cerca de 2,2 milhões de anos luz. Seria então absurdo supor-se que, entre tantos bilhões de galáxias, cada uma delas contendo bilhões e bilhões de estrelas, em torno das quais hão de girar outros tantos planetas, somente a Terra gozasse o privilégio da vida.

“O Livro dos Espíritos” nas questões 55 a 58, resume bem as características dos diversos mundos:

- Eles absolutamente não se assemelham; variam não só entre os diferentes tipos de corpos celestes, como também variam em relação à sua constituição física. Entre os próprios planetas do Sistema Solar existem diferenças: uns são mais densos (Mercúrio, Vênus, Terra) e outros menos densos e até mesmo fluídicos (Júpiter, Saturno, Urano e Netuno);

- Não sendo a constituição física dos mundos uma só para todos, segue-se terem organizações diferentes os seres que os habitam, apropriadas ao meio onde vivem, do mesmo modo que os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar.

- Os mundos mais distantes do sol possuem fontes diferentes de luz e calor.

Os Espíritos afirmam e a razão endossa a idéia de que os diferentes mundos que circulam no espaço são habitados, a exemplo do que ocorre na Terra. As condições de existência dos seres nos diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que têm que viver. Se nunca tivéssemos visto peixes, não compreenderíamos como alguns seres pudessem viver na água. O mesmo acontece com outros mundos, que sem dúvida contém elementos para nós desconhecidos. (...) Estes mundos podem conter em si mesmos as fontes de calor e luz necessárias aos seus habitantes - (“O Livro dos Espíritos” – questão 58).

Há muitas moradas na casa de meu Pai:

“Credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na Casa de meu Pai; se assim não fora, eu vo-lo teria dito” - (João 14 : 1-2).

Na obra de Deus reina a perfeição. Nela tudo é útil e harmonioso. O universo infinito é algo sublimado e transcendental, que jamais poderá ser descrito pela linguagem humana.

Já não vivemos mais nos tempos em que se imaginava ser a Terra o centro do universo. A teoria geocêntrica foi suplantada pela heliocêntrica e, após Galileu, as teologias terrenas tiveram de rever seus dogmas e conceitos. Jesus definiu esses mundos como sendo outras tantas moradas para o Espírito na sua escalada evolutiva rumo à perfeição. A casa do Pai é o universo todo, e as diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito, oferecendo aos Espíritos estações apropriadas ao cumprimento de um prolongado processo evolutivo.

Os diversos mundos possuem condições muito diferentes uns dos outros, no tocante ao grau de adiantamento ou de inferioridade de seus habitantes, pois nem todos desfrutam do mesmo grau de progresso. Existem mundos inferiores à Terra, tanto física como moralmente, outros estão no mesmo nível e outros lhe são, mais ou menos, superiores em todos os aspectos.

Os Espíritos, ao longo de seu processo evolutivo, habitam as diferentes moradas da casa do Pai, tendo como ponto inicial o estado de simplicidade e ignorância; caminham

numa senda muito longa, tendo como meta a angelitude. Nos mundos que atingiram um grau superior de evolução, as condições da vida moral são muito diferentes daquelas que se verificam na Terra. O corpo nada tem da materialidade terrena e não está, por isso mesmo, sujeito às necessidades, às enfermidades e às deteriorações oriundas da prevalência da matéria. A menor densidade específica torna mais fácil a locomoção.

Classificação dos seres:

Todos os corpos, minerais, vegetais, animados ou inanimados, sólidos, líquidos ou gasosos, por mais infinita que seja a sua variedade, podem ser classificados em dois grandes grupos: seres inorgânicos e seres orgânicos.

Seres inorgânicos:

Seres inorgânicos são todos aqueles que não possuem vitalidade, nem movimentos próprios, sendo formados apenas pela agregação da matéria; os minerais, a água, o ar, entre outros - ("O Livro dos Espíritos" – Item I – Introdução).

A partir das transformações do fluido universal surgem os elementos materiais que, sob determinadas condições e circunstâncias, vão propiciar a formação dos corpos no mundo material. Eles compõem os elementos encontrados na natureza e classificados pela Química na tabela periódica dos elementos.

Os corpos inorgânicos são compostos por uma força de atração, subordinada qualitativa e quantitativamente a leis estabelecidas pela Química e pela Física, as quais governam a estabilidade da agregação de seus elementos.

Seres orgânicos:

Os seres orgânicos são os que trazem em si mesmos uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida: nascem, crescem, reproduzem-se e morrem. São providos de órgãos especiais para a realização dos diferentes atos da vida e apropriadas às necessidades da própria conservação. Compreendem os homens, os animais e as plantas - ("O Livro dos Espíritos" – Item I – Introdução).

Classificam-se numa escala ascendente que se inicia nos microorganismos, vírus, bactérias e germes. Na sua formação não entra nenhum corpo ou elemento especial que não seja encontrado nos seres inorgânicos, e isto porque há uma cadeia evolutiva envolvendo a criação divina. Todos os elos dessa cadeia têm um ponto em comum com o elo precedente.

A diferença primordial e essencial entre os seres inorgânicos e orgânicos, é que nos seres orgânicos constata-se a presença do princípio vital que se une à matéria inorgânica, animalizando-a.

Princípio vital:

O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos - ("O Livro dos Espíritos" – questão 67 A). É um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas tem a sua fonte nas modificações da matéria universal - ("O Livro dos Espíritos" – questão 64).

Tomando como exemplo a fórmula: carbono + hidrogênio + nitrogênio, tem-se como resultado uma substância inorgânica qualquer. Mas se essa fórmula tiver condições adequadas para assimilar o princípio vital, haverá uma modificação na sua estrutura molecular, resultando, ao invés de uma molécula mineral, o surgimento de uma célula de matéria orgânica.

O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos, porém, sensivelmente modificado segundo as espécies - ("O Livro dos Espíritos" – questão 66). São sutis ajustes da mesma natureza dos que ocorrem no fluido universal, que se estendem também ao princípio vital, de modo a tipificar cada elemento ou cada célula dos seres orgânicos.

Para se ter uma idéia de como o fluido universal pode apresentar formas diferenciadas, basta compará-lo aos sons emitidos por um piano. Ao se dedilhar as teclas,

todos os sons da escala não passam de vibrações emitidas pelas cordas. Contudo, eles se diferenciam sensivelmente uns dos outros sem se confundirem. E mais: esses mesmos sons, emitidos por um outro instrumento, podem até ser uníssonos, apresentando as mesmas frequências. Novamente, porém, mantém-se uma sutil assintonia, um timbre que permite identificar uma ou outra fonte emissora. E ainda aqui, tais sons não se confundem; continuam diferenciados.

A vida:

Qual a causa da animalização da matéria?

- Sua união com o princípio vital - ("O Livro dos Espíritos" – questão 62).

Ao mesmo tempo em que o princípio vital atua sobre a matéria e por ela se deixa viabilizar, a matéria, por sua vez, também assimila e reage sobre este; ambos repercutem magneticamente um sobre o outro, em igualdade de sintonia e intensidade. Vale dizer que, se de um lado ele impulsiona os órgãos deste corpo, ao mesmo tempo se desenvolve por força desta ação.

A morte:

A causa da morte nos seres orgânicos é a exaustão dos órgãos - ("O Livro dos Espíritos" – questão 68). Isto ocorre quando a relação biunívoca entre o princípio vital e a matéria se quebra, cessando a harmonia. A Química consegue fazer a análise (decomposição) e a síntese (recomposição) da grande maioria dos corpos inorgânicos e orgânicos. Contudo, ela jamais conseguiu nem conseguirá reconstituir um ser vivo, porque o princípio vital se esvai do ser orgânico fenecido. No organismo morto, seja vegetal, seja animal, estando extinto o princípio vital; a centelha divina criadora da vida, nele não mais existe.

É por isso que a Química não consegue reconstituir os elementos formativos dos corpos orgânicos, porque, não existindo a causa, não lhe é possível reproduzir o efeito. Sobrevém então a morte e a matéria inerte se decompõe, retornando às suas origens, no aguardo de uma nova oportunidade para formar outros organismos.

Ao classificar os seres, segundo o grau de evolução, podemos fazer a seguinte distinção:

Seres animados e inanimados:

- Os seres inanimados, formados somente de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos;

- Os seres animados não-pensantes, formados de matéria e dotados de vitalidade, mas desprovidos de inteligência;

- Os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade, e tendo ainda um princípio inteligente que os leva a pensar - ("O Livro dos Espíritos" – questão 71).

Instinto e inteligência:

No primeiro caso, os corpos brutos não possuem nenhuma manifestação de vitalidade ou de inteligência. Caracterizam-se pela inércia.

No segundo, os seres vivos, embora não considerados seres inteligentes, já manifestam um início de inteligência ainda rudimentar, que seria o instinto. Pode-se afirmar, com efeito, que o instinto é uma inteligência não racional; é por meio dele que todos os seres provêm as suas necessidades - ("O Livro dos Espíritos" – questão 73).

É difícil assinalar onde acaba um e começa o outro, porque eles freqüentemente se confundem; mas podemos muito bem distinguir os atos que pertencem ao instinto dos que pertencem à inteligência - ("O Livro dos Espíritos" – questão 74).

O instinto compreende um conjunto de atos involuntários e inconscientes. Todo ato maquinal é instintivo, enquanto a inteligência revela-se por atos voluntários, refletidos e

premeditados, segundo as circunstâncias. Já os atos instintivos não são refletidos nem premeditados. Quando o homem anda, o faz instintivamente sem refletir nos seus próprios passos, mas desvia ao precisar transpor um obstáculo, quando precisa diminuir ou acelerar seu passo... O impulso involuntário do movimento é o ato instintivo, enquanto que a direção calculada do movimento vem a ser o ato inteligente.

O instinto predomina no ser humano com exclusividade no início de sua vida; é a própria expressão infantil que faz dar os primeiros passos em direção à maturidade. O instinto varia em suas manifestações segundo as espécies e suas necessidades. Nos seres dotados de consciência e percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, o que quer dizer, à vontade e à liberdade - (“O Livro dos Espíritos” – questão 75).

Inteligência:

Não se pode tomar a inteligência como sendo um atributo do princípio vital, pois as plantas vivem e não pensam, não sendo mais do que vida orgânica - (“O Livro dos Espíritos” – questão 73).

É assim que existem seres animados não pensantes e seres animados pensantes, sendo que esses últimos possuem de forma manifesta o princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar.

A inteligência é uma faculdade especial, própria de certas classes de seres orgânicos, aos quais dá, com o pensamento, a vontade de agir, a consciência de sua existência e de sua individualidade, assim como os meios de estabelecer relações com o mundo exterior e prover suas necessidades - (“O Livro dos Espíritos” – questão 71).

Efetivamente, somente os Espíritos enquanto individualizações podem ser considerados seres inteligentes na criação, pois podem conhecer e refletir sobre o mundo exterior em que vivem, e possuem, sobretudo, consciência de si mesmos, de sua existência e sua individualidade. É assim que a Biologia denomina o homem como “sapiens sapiens”, ou seja, o ser que sabe que sabe, que reflexiona a inteligência sobre si mesma. Com efeito, a consciência lhe confere o atributo da vontade e da liberdade, o que difere especificamente dos outros seres naturais do mesmo gênero.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- Como é composto o Universo?

2- Qual o papel do fluido vital na formação do Universo?

3- Como é o ciclo da vida dos corpos celestes?

4- Para que a Terra fosse formada foi necessário haver uma maturação dos elementos que a compõem. Fale sobre isso.

5- Que evidências demonstram que é falsa a idéia de que somente na Terra há vida?

6- Comente a fala de Jesus: “Na casa de meu Pai há muitas moradas”.

7- Complete:

Seres que não possuem vida são chamados _____.

Seres que nascem, crescem, se reproduzem e morrem são _____.

8- Sabemos que os mesmos elementos podem dar origem a uma substância inorgânica e a uma célula orgânica. Como isto é possível?

9- Por que é impossível revitalizar um organismo morto, seja este vegetal ou animal?

10- Complete com as palavras: “Plantas”, “Animais” ou “Seres humanos”.

Seres vivos dotados de instinto. _____

Corpos brutos inertes. _____

Seres vivos e inteligentes. _____

11- Complete:

No princípio da vida predomina o _____, porém, com o evoluir do ser prepondera a _____.

12- Comente a questão 71 de “O Livro dos Espíritos” que define inteligência.

Sugestão:

Se você se interessou por este tema leia o livro “A Gênese” de Allan Kardec, capítulos 6 ao 12.

7 - ORIGEM, NATUREZA E FORMA DOS ESPÍRITOS

Origem dos Espíritos:

Da mesma forma que o corpo é a individualização do princípio material, o Espírito é a individualização do princípio inteligente; e é por isso que Allan Kardec emprega as palavras Espírito para designar as individualidades extra corpóreas e não mais espírito – o elemento inteligente do Universo.

Os Espíritos são criados todos iguais, simples e ignorantes, com as mesmas possibilidades de evolução, porque sendo Deus justo e misericordioso jamais poderia criar seus filhos em desigualdade de condições. Tiveram, pois, princípio, uma vez que foram criados, não podendo, assim, ter existido como Deus, de toda a eternidade. Mas como e quando foram criados não há como saber. Importa sim saber que sendo Deus eterno, tem criado sempre: o trabalho da criação não cessa nunca.

Assim, há Espíritos em infinitos graus evolutivos na sua longa jornada espiritual, desde os mais simples, ora passando pelos estágios inferiores da escala evolutiva dos seres vivos, ora adentrando o nível dos seres conscientes e responsáveis, ora atingindo níveis espirituais mais elevados para, finalmente, atingir o objetivo pelo qual foram criados: a perfectibilidade.

Natureza dos Espíritos:

Os Espíritos são definidos na codificação como sendo os “seres inteligentes da criação que povoam o Universo fora do mundo material” - (“O Livro dos Espíritos” – questão 76), entendendo-se por Espíritos os seres extra-corpóreos que se encontram no mundo espiritual adequado ao seu estado evolutivo. São obras de Deus, assim como um quadro é obra do pintor que o executou. “Quando o homem faz uma coisa bela e útil chama-a sua filha, sua criação” - (“O Livro dos Espíritos” – questão 77); conseqüentemente, os seres humanos também são filhos de Deus, pois são a Sua criação.

Falta ao ser humano termos de comparação para definir a natureza dos Espíritos. Não se pode dizer que são imateriais. O mais certo será dizer que são incorpóreos - (“O Livro dos Espíritos” – questão 82). Portanto, o ser humano é incapaz de compreender a essência dos seres espirituais e somente por um grande esforço pode defini-los. Uma vez criado, o Espírito tem diante de si a eternidade. Este fato contraria a corrente materialista, segundo a qual o corpo e alma desaparecem com a morte e isto porque lhe é difícil conceber como uma coisa que teve começo não tenha fim.

Mundo espiritual:

O mundo dos Espíritos é o mundo das inteligências incorpóreas, uma vez que, ocorrendo a morte dos corpos, pelas enfermidades, pelos acidentes, pelas guerras, pelos fenômenos da natureza e pelos desgastes físicos, os Espíritos retornam à sua verdadeira pátria, onde continuam evoluindo para atingirem seu objetivo, que é a perfeição. O mundo espiritual poderia existir sem o mundo corpóreo, mas há necessidade de ambos porque um reage sobre o outro. Deus, em Sua infinita sabedoria criou-os para que o mundo terreno seja o educandário dos Espíritos, a fim de que possam conquistar e aperfeiçoar as virtudes.

Os Espíritos não habitam um lugar circunscrito no Universo, pois estão por toda a parte. Não estão encerrados no céu ou no inferno, conforme ensinam as várias religiões. Eles habitam todo o Universo, locomovendo-se com incrível velocidade e estão ao lado dos seres

encarnados sem que estes o percebam; entretanto, existem regiões que são interditadas aos Espíritos menos evoluídos.

Forma e ubiquidade dos Espíritos:

Forma:

Allan Kardec, em “O Livro dos Espíritos”, esclarece, com base no ensino dos benfeitores espirituais, que o Espírito puro não possui forma limitada e constante aos olhos dos encarnados, mas tem para os demais Espíritos. Pode-se afirmar, por analogia, que o Espírito puro é uma flama, um clarão ou uma centelha etérea - (“O Livro dos Espíritos” – questão 88).

Perispírito:

Há no ser humano encarnado três constituintes fundamentais a serem considerados:

- O corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo princípio vital.
- A alma ou ser imaterial, Espírito encarnado.
- O perispírito, laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito - (“O Livro dos Espíritos” – questão 135).

Para dar uma idéia do que seja perispírito Allan Kardec usou uma comparação muito apropriada ao afirmar: “Como a semente de um fruto é envolvida por um perisperma, o Espírito, propriamente dito, também é revestido por um envoltório que, por analogia se pode chamar de perispírito” - (“O Livro dos Espíritos” – questão 93). Os Espíritos respondem a Kardec na questão 93 de “O Livro dos Espíritos”: “O Espírito é envolvido por uma substância que é vaporosa para ti, mas ainda bastante grosseira para nós; suficientemente vaporosa, entretanto, para que ele possa elevar-se na atmosfera e transportar-se para onde quiser”. Esta resposta dos Espíritos é genérica já que a capacidade de cada um está condicionada ao grau de evolução do Espírito, pois nem todos estão em condição de voitar e transportar-se para onde quiserem.

O perispírito, envoltório fluídico, semi material que serve de elo entre a alma e o corpo, é o intermediário de todas as sensações que o Espírito recebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo - (“O Livro dos Médiuns ” – questão 54).

A alma nunca fica desligada do seu perispírito, mesmo após sua desencarnação. Qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e se eleva na hierarquia espiritual. De sorte que a idéia de forma é inseparável da de Espírito e não se concebe uma sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, assim como o corpo o faz do homem - (“O Livro dos Médiuns” – questão 55).

O corpo físico é uma exteriorização aproximada do corpo espiritual, já que ele deve compatibilizar-se e subordinar-se aos imperativos da hereditariedade e da matéria grosseira.

A morte é a destruição do corpo físico, o invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva, porém, o perispírito, embora etéreo e invisível ao homem no seu estado de encarnado.

Origem do perispírito:

Em “O Livro dos Espíritos” - questão 94, encontramos:

“De onde tira o Espírito o seu envoltório semi material?”

- “Do fluido universal de cada globo. É por isso que ele não é o mesmo em todos os mundos; passando de um mundo para outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa”. O Espírito utiliza-o de acordo com suas necessidades evolutivas, com o fim de formar seu corpo de manifestação e atuação sobre a matéria.

Ocupações e missões dos Espíritos:

Ocupações:

Todos os Espíritos de certa forma contribuem para a harmonia do Universo. É assim que também a vida espiritual é uma ocupação contínua, mas nada tem de penosa como a da Terra, pois não está sujeita à fadiga corpórea nem às angústias da necessidade - (“O Livro dos Espíritos” – questão 558).

Todos os Espíritos têm deveres definidos a cumprir, inclusive os não evoluídos que têm um papel útil no universo. Possuem atributos especiais de conformidade com a bagagem evolutiva; todos devem, assim, percorrer os diferentes graus da escala para se aperfeiçoarem. O mesmo raciocínio que leva o médico, o advogado, o engenheiro, o dentista, o marceneiro... a buscar elementos básicos do conhecimento para o melhor exercício da função escolhida, é válido também em relação às tarefas espirituais.

Espíritos evoluídos:

Os Espíritos de maior evolução, que já atingiram a perfeição espiritual, não ficam na ociosidade, o que seria para eles um verdadeiro suplício. Suas ocupações consistem em, ao vivenciar em si mesmos as leis de Deus, transmiti-las por todo o Universo e velar por sua execução. Eles são encarregados de dirigir, nos diversos setores evolutivos do gênero humano, tarefas específicas que objetivam contribuir para o trabalho-tarefa grandioso de impulsionar o progresso. Através desses bons Espíritos, são executadas as tarefas necessárias à recuperação da humanidade e do planeta, para que tudo evolua dentro das leis sábias do Criador.

As ocupações dos Espíritos são incessantes, se entendermos que seu pensamento está sempre em atividade, pois eles vivem pelo pensamento. Mas é necessário não equiparar as ocupações dos Espíritos com as ocupações materiais dos homens. Sua própria atividade é um gozo pela consciência que eles têm de ser úteis - (“O Livro dos Espíritos” – questão 563).

Espíritos não evoluídos:

No caso dos Espíritos não evoluídos, esses também têm ocupações apropriadas à sua natureza. E se alguns optaram pela ociosidade, expiarão sua inutilidade, mas esse estado é temporário e subordinado ao desenvolvimento de sua inteligência. Certamente que os há, como ente os seres humanos, vivendo apenas para si mesmos; mas essa ociosidade lhes pesa e cedo ou tarde o desejo de progredir lhes faz sentir o desejo da atividade, e são então felizes de poderem tornar-se úteis - (“O Livro dos Espíritos” – questão 564).

A doutrina espírita ensina que a morte do corpo não santifica ninguém. Cada qual continua no plano espiritual, sendo exatamente aquilo que é, com suas qualidades e defeitos, sejam ignorantes ou sábios.

Espíritos missionários:

Amar e servir são as diretrizes do Espírito que anseia alçar vôo para a perfeição. Dividindo a felicidade com outros, o Espírito que se compraz em servir a Deus vivencia uma alegria e um bem estar indefinível.

É assim que muitos Espíritos têm missões a cumprir, as quais se realizam tanto no plano espiritual quanto no plano material. No caso dos Espíritos encarnados, estes podem servir de instrumento a um Espírito para executar uma coisa útil, por exemplo, um Espírito julga que seria bom escrever um livro, que ele escreveria se estivesse encarnado; procura o escritor mais apto a compreender seu pensamento e a executá-lo: dá-lhe então a idéia e o dirige na execução - (“O Livro dos Espíritos” – questão 577).

É assim que os Espíritos têm tarefas variadíssimas. Alguns têm missões mais singelas, pessoais ou locais, e sempre evoluem quando cumprem seu trabalho. No entanto, a missão nunca lhes é imposta, mas escolhem-na e se sentem felizes em poder executá-la.

Um ser humano é reconhecido como tendo uma missão real, mais do que uma simples tarefa, pelas grandes coisas que realiza, pelo progresso a que conduz seus semelhantes. Sem dúvida, grande exemplo de missionários são Francisco Cândido Xavier, Dr. Bezerra de Menezes, Madre Tereza de Calcutá, Gandhi, Allan Kardec...

Mediunidade:

Conceito:

Mediunidade é a faculdade que permite o intercâmbio entre o mundo físico e espiritual.

“O dom da mediunidade é tão antigo quanto o mundo. Os profetas eram médiuns. Todos os povos tiveram seus médiuns. E as inspirações de Joana D’Arc nada mais eram que a voz dos Espíritos benfeitores que a dirigiam. Esse dom que hoje tanto se expande havia se tornado mais raro nos tempos medievais, mas jamais desapareceu” - (“O Livro dos Médiuns” – 1ª parte – capítulo 31 – item 11)

O mediunismo – manifestação mediúnica em sua expressão empírica, natural, sempre esteve presente na história, mas as manifestações mediúnicas – mediunidade consciente, ganharam um novo enfoque a partir do Espiritismo, revivendo a visão cristã da mediunidade, perdida através dos tempos, e tornando-a um fenômeno mais consciente e destituído de mistificações, quando examinada sob a ótica da racionalidade.

Os Espíritos comparam a atuação do médium à de um instrumento, um intermediário. O intercâmbio mediúnico ocorre através do pensamento, é uma “ligação mental” estabelecida entre o Espírito comunicante e o Espírito do médium receptor. Dizem os Espíritos Erasto e Timóteo : “Com efeito, nossas comunicações com os Espíritos encarnados, diretamente, ou com os Espíritos propriamente ditos, se realizam unicamente pela irradiação dos nossos pensamentos” - (“O Livro dos Médiuns” – 2ª parte – capítulo 19 – item 225).

A mediunidade surge como veículo utilizado pelos Espíritos para trazerem a terceira revelação: O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- Que diferença Kardec faz entre espírito e Espírito?

2- Em que condições de igualdade os Espíritos foram criados?

3- Como a doutrina espírita define Espírito?

4- Assinale a alternativa errada.

() O mundo espiritual existiria sem o mundo físico.

() O mundo físico é para o Espírito uma escola.

() O mundo espiritual não é um lugar circunscrito na espiritualidade, os Espíritos dos dois planos coabitam.

() Os Espíritos podem ir a qualquer lugar, desde que queiram.

5- Qual a forma dos Espíritos?

6- Complete:

O ser humano encarnado é um _____ que tem um _____ e um _____ .

O _____ é o elo entre a alma e o corpo.

O _____ permanece sempre ligado ao perispírito, esteja encarnado ou desencarnado.

7- Se o perispírito é formado pelo fluido cósmico universal dos diferentes mundos o que podemos deduzir comparando os seres que povoam os mundos primitivos aos divinos?

8- Que tarefas desempenham os Espíritos na espiritualidade?

9- Por que os Espíritos que atingiram a perfeição ainda trabalham? Não seria mais coerente que gozassem um merecido descanso depois de tanto lutarem para atingir o estágio evolutivo em que se encontram?

10- Há Espíritos que optaram pela ociosidade no mundo espiritual. Que conseqüências isso lhes trará?

11- O que é mediunidade?

12- Qual a diferença entre mediunismo e mediunidade?

13- Qual é o veículo de ligação do médium com o Espírito ?

Para refletir:

Qual a tarefa que Deus espera que cada um de nós cumpra, quer estejamos encarnados ou desencarnados?

Lembre-se:

Somos um Espírito e temos um corpo físico, portanto é incorreto dizer que temos um Espírito.

8 - ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Finalidade da encarnação:

As sucessivas encarnações são os degraus que o Espírito galga no itinerário da perfectibilidade, ao submeter-se às limitações da existência corporal. Deste modo, as encarnações são necessárias em função do progresso moral e intelectual, para ascender à condição de Espírito puro.

Quando na erraticidade o Espírito examina o que fez, reconhece seus erros ou acertos, traça planos e toma resoluções para mais uma etapa do aprendizado, submetendo-se às provas necessárias que farão parte de sua nova existência corpórea. Mas, esta nova experiência não significa para ele punição, e sim, uma necessidade por força de sua condição moral.

Expição:

“Deus colocou os Espíritos devedores num mundo ingrato, para expiarem suas faltas, através de um trabalho penoso e das misérias da vida, até que se façam merecedores de passar para um mundo mais feliz” - (“O Evangelho Segundo o Espiritismo” – capítulo 3 – item 13)

A expiação consiste em o ser humano sofrer aquilo que fez os outros sofrerem, abrangendo sofrimentos físicos e morais, seja na vida corporal, seja na vida espiritual. Tais sofrimentos, quando suportados com resignação, paciência e entendimento, se constituem num aprendizado, portanto, apagam erros passados e purificam o Espírito que assim vai, encarnação após encarnação, libertando-se das imperfeições da matéria.

Prova:

Em sentido amplo, cada nova existência corporal é uma prova para o Espírito que o leva a se aperfeiçoar, enveredando pelo caminho da perfeição. Esclarece “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo 6 – item 5 : “Crede e Orai! Porque a morte é a ressurreição e a vida é a prova escolhida, durante a qual vossas virtudes cultivadas devem crescer e desenvolver-se como o cedro”.

A prova às vezes confunde-se com a expiação, mas nem todo sofrimento é indício de uma determinada falta. O sofrimento pode ser uma opção do próprio Espírito com o objetivo de acelerar a sua purificação. Deste modo, a expiação será sempre uma prova, mas a prova nem sempre será uma expiação.

Missão:

Todos têm uma missão a cumprir, neste ou em outros mundos, mais ou menos adiantados; todos têm um papel a desempenhar dentro da harmonia e do equilíbrio do Universo. Assim, as missões, de modo geral, se enquadram em papéis de maior ou menor intensidade, de acordo com a capacidade e a elevação do Espírito reencarnante. Há as missões dos pais, a missão dos governantes, dos mestres, dos homens de ciência, dos escritores, dos artistas... enfim cada ser humano tem uma missão a cumprir na Terra.

Mas existem Espíritos missionários que reencarnam com uma missão específica: desempenham a sublime tarefa de semear a paz, a caridade, o amor ao próximo e de promover o avanço intelectual da humanidade. Para estes, a encarnação não tem a finalidade de prova ou expiação, mas a missão de acelerar o progresso moral e intelectual de seus irmãos encarnados.

A encarnação, enquanto instrumento divino que permite ao Espírito sua aprendizagem, o leva a passar por todas as vicissitudes da vida material. Quanto mais rapidamente o Espírito se purificar e assimilar todo seu aprendizado, mais depressa chegará ao destino para o qual foi criado: a perfectibilidade.

Pluralidade e unicidade das existências:

A reencarnação se baseia nos princípios da misericórdia e da justiça de Deus.

Na misericórdia divina, porque, assim como o bom pai deixa sempre a porta aberta a seus filhos faltosos, lhes facultado a reabilitação, também Deus - através de vidas sucessivas - dá oportunidade para que os seres humanos possam corrigir-se, evoluir e merecer o pleno gozo de uma felicidade duradoura. Emmanuel chega a dizer que “a reencarnação é quase o perdão de Deus”.

Na lei de justiça, pois os erros cometidos e os males infringidos ao próximo devem ser reparados durante novas existências, a fim de que, experimentando os mesmos sofrimentos, os homens possam resgatar seus débitos, passando a conquistar o direito de serem felizes.

A unicidade das existências é injusta e ilógica, pois não atende às sábias leis de progresso espiritual.

É injusta, porque grande parte dos erros humanos é resultante da ignorância e, numa só vida, não nos é possível o aprendizado com nossos erros, principalmente quando o arrependimento vem quase ao findar da existência. É preciso que se dê oportunidade ao arrependido para que ele comprove sua sinceridade através das necessárias reparações.

É ilógica, porque não pode explicar as gritantes diferenças de aptidões das criaturas desde a sua infância; as idéias inatas, independentemente da educação recebida, que existem nuns e não aparecem em outros; os instintos precoces, bons ou maus, não obstante a natureza do meio onde nasceram.

As reencarnações representam para as criaturas imperfeitas valiosas oportunidades de resgate e progresso espiritual.

Só a pluralidade das existências pode explicar a diversidade dos caracteres, a variedade das aptidões, a desproporção das qualidades morais, enfim, todas as desigualdades que se mostram à nossa vista.

Fora dessa lei, indagar-se-ia inutilmente porque certos homens possuem talento, sentimentos nobres, aspirações elevadas, enquanto muitos outros só partilharam tolices, paixões e instintos grosseiros.

A influência do meio, a hereditariedade, as diferenças de educação não bastam para explicar estas anomalias. Vemos os membros de uma mesma família, semelhantes pela carne e pelo sangue, educados nos mesmos princípios, diferenciarem-se em muitos pontos.

Ressurreição e reencarnação:

Ressurreição:

“Aquele que não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus”. (João; 3: 3)

Ressurreição, em grego, “Anástasis”, significa surgir, levantar, erguer, sair de um local ou de uma situação para outra. Foi traduzida para o latim como “ressurrectio”, o ato de ressurgir, voltar à vida, reanimar-se, uma conotação já não muito fiel ao original. Daí o fato de, biblicamente falando, o termo ressurreição ter sido interpretado no Evangelho de Mateus com o sentido de ressurgir dos mortos - (Mateus: 22:28, 30 e 31).

Exceto entre os saduceus que pensavam que tudo acabava com a morte, a ressurreição fazia parte dos dogmas dos hebreus e da sua escatologia – filosofia que busca explicar o destino último do homem: céu, inferno, ressurreição, juízo final... (“O Evangelho Segundo o Espiritismo” – capítulo 4)

Naquela época, os fenômenos mediúnicos, particularmente os da vidência e da materialização, existiam como hoje, porém, as idéias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não estavam claramente definidas, porque não tinham senão noções

vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo - (“O Evangelho Segundo o Espiritismo” – capítulo 4 – item 4)

Eles acreditavam que um homem que viveu podia reviver, sem se inteirarem com precisão da maneira pela qual o fato podia ocorrer; designavam pela palavra ressurreição o que o Espiritismo, mais claramente, chama reencarnação.

Com efeito, a ressurreição supõe o retorno à vida do corpo que morreu, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo estão, desde há muito, dispersos e absorvidos pela Natureza - (“O Evangelho Segundo o Espiritismo” – capítulo 4 – item 4).

A conotação do termo ressurreição aplicava-se e estendia-se a casos como o das duas crianças na época de Elias e Eliseu (I Romanos 17:21 a 24; II Romanos 4:20 a 32 e 36); o do filho da viúva de Naim, o da filha de Jairo (Lucas 7:11-15; 8:49-55), o de Lázaro (João: 11:1-44) e outros, como II Romanos 13:21; Atos dos Apóstolos 9:36-42; 20:9-12).

Em todos os casos, em que o Mestre atuou, ele afirmou, enfaticamente, que essas pessoas não estavam mortas, mas apenas dormiam. Como naquele tempo não se conheciam essas mortes aparentes, causadas pela letargia ou catalepsia, essas pessoas puderam voltar à vida, passando, nesses casos, aos olhos atônitos do povo como autênticas ressurreições.

O mesmo termo foi aplicado para explicar as dez aparições de Jesus em Jerusalém e vizinhanças, a partir do terceiro dia após a crucificação e durante os quarenta dias seguintes. (Lucas: 24:44-48; João: 20:11-23 e 21:15-22; Atos dos Apóstolos 1:3-8)

Reencarnação:

Reencarnação, conforme a palavra indica, significa retomar, readquirir a carne novamente; tem um sentido bem mais preciso e diferente de ressurreição. A reencarnação significa a volta à vida corpórea, mas em um outro corpo, sem qualquer espécie de ligação com o anterior. Não há necessidade da alma retomar o seu antigo corpo, uma vez que o Espírito tem sempre diante de si a oportunidade de adquirir novo organismo físico, sem afrontar as leis naturais, reencarnando tantas vezes quanto forem necessárias ao seu aperfeiçoamento espiritual.

Em Mateus: 17: 10 a 13 e Marcos: 9:11 a 13, fala-se claramente que João Batista é a reencarnação do profeta Elias.

“E os discípulos lhe perguntaram dizendo: pois por que dizem os escribas que importa vir Elias primeiro? Mas ele, respondendo-lhes disse: Elias certamente há de vir, e restabelecerá todas as coisas; digo-vos, porém, que Elias já veio, e eles não o conheceram, antes fizeram com ele quanto quiseram. Assim também, o Filho do homem há de padecer às suas mãos. Então conheceram os discípulos que de João Batista é que lhes falara (Mateus: 17:10-13). Não há melhor testemunho sobre a reencarnação do que esta narração evangélica, porque o aconteceu com Elias, acontece com todos os Espíritos.

Em diálogo com Nicodemos, Jesus afirmou: “Em verdade, em verdade vos digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo. (João: 3:3) Nicodemos lhe disse: Como pode nascer um homem que já está velho? Pode ele entrar no ventre de sua mãe, para nascer uma segunda vez? Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Se um homem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não vos espanteis do que eu vos disse, que é preciso que nasçais de novo - (“O Evangelho Segundo o Espiritismo” – capítulo 4 – itens 5 e 8).

A água entre os judeus, e mesmo entre os povos antigos, era um elemento primordial da matéria, pois acreditavam que tudo o que havia na Terra havia saído das águas. Segundo essa crença, a água tornara-se o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da

natureza inteligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce das águas e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam, pois, “Se o homem não renasce com o corpo e a alma”. (“O Evangelho Segundo o Espiritismo” – capítulo 4 – item 8)

Neste sentido é que foram compreendidas no princípio Isto porque é pelos renascimentos sucessivos que o Espírito evolui. Uma única existência jamais poderia ser suficiente para o aprimoramento que o Espírito deve buscar, a fim de ascender aos planos mais elevados da Espiritualidade.

Lei de causa e efeito:

A lei de causa e efeito, também conhecida com o nome de lei de ação e reação, é uma lei natural, espiritual e universal, essencial para a evolução das almas.

André Luiz no livro “Ação e Reação” nos diz: “É a conta do destino criada por nós mesmos, englobando os créditos e os débitos que em particular nos digam respeito. É o sistema de contabilidade do governo da vida”.

Consiste, portanto, nos padrões e hábitos que uma pessoa estabeleceu e as repercussões desses padrões sobre si mesma e sobre os outros.

O esquecimento do passado:

O esquecimento do passado é visto por alguns como uma objeção contra a reencarnação.

- Como pode o homem aproveitar da experiência adquirida em suas anteriores existências, quando não se lembra delas?

- Pois que, desde que lhe falta essa reminiscência, cada existência é para ele qual se fora a primeira; deste modo está sempre a recomçar...

- É ilógico fazer-nos expiar em uma existência faltas cometidas em vidas passadas, de que tivéssemos perdido a lembrança...

Estes são alguns dos argumentos que visam provar a inutilidade da reencarnação. Enfim, se o homem já viveu, perguntam: por que não se lembra de suas existências passadas?

Allan Kardec examina esta questão em “O Livro dos Espíritos” – questões 329 e 399 e em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” – capítulo 5 – item 11.

Nos diz que o esquecimento do passado atesta a sabedoria de Deus, pois a lembrança de existências anteriores traria inconvenientes muito graves.

A lembrança do passado traria perturbações inevitáveis às nossas relações sociais, pois o Espírito renasce frequentemente no mesmo meio em que viveu, e se encontra em relação com as mesmas pessoas a fim de corrigir erros do passado.

O esquecimento do passado é uma condição temporária: ocorre durante apenas a vida física. Voltando à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado. Nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, quando nos esquecemos das vivências diárias.

Há ainda outra argumentação filosófica: por acaso o fato de não nos lembrarmos de nossa infância representa prova de que essa infância não existiu? Quantos acontecimentos vivemos, muitos deles, inclusive, perpetuados em fotografias, em filmes ou em gravações, e deles nos esquecemos completamente?

Deus colocou à nossa disposição duas percepções importantes em relação ao nosso passado: nossas tendências instintivas e a nossa consciência, que nos adverte.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- Assinale qual das alternativas referentes à questão abaixo é a correta.

Os Espíritos reencarnam porquê:

- ☐ devem ser punidos pelo mal que praticaram.
- ☐ têm necessidade de voltar ao corpo de carne para reconhecerem seus erros.
- ☐ precisam passar por expiações e provas ou vêm com tarefas que visam acelerar o progresso da humanidade.

2- Qual a diferença entre expiação e prova?

3- Todos os Espíritos reencarnam tendo missões a cumprir. Em que as nossas missões diferem das escolhidas pelos Espíritos iluminados?

4- A reencarnação se embasa nos princípios divinos de

- ☐ caridade e justiça.
- ☐ justiça e dignidade.
- ☐ misericórdia e justiça.
- ☐ amor e misericórdia.

Justifique a opção que escolheu.

5- Explique porque a doutrina da unicidade das existências é ilógica e injusta.

6- Como se pode explicar a heterogeneidade dos seres humanos sem ir contra o amor infinito que Deus tem pelas suas criaturas?

7- Como se explicam os fenômenos de ressurreição de pessoas mortas, descritos no Evangelho?

8- Quanto ao retorno do Espírito ao corpo, quais as concepções:

- da ressurreição,

- da reencarnação

9- Se pudéssemos lembrar do nosso passado com clareza e nitidez, isto não poderia nos ser útil na atual encarnação?

10- Comente a fala:

O esquecimento do passado é relativo, pois só existe na vida física.

11- Marque a alternativa correta.

Deus colocou ao nosso dispor para suprimos a necessidade de rememorar o passado:

() vícios e defeitos.

() tendências e consciência.

() sabedoria e consciência.

() atos e tendências.

Para reflexão:

Qual a validade da Terapia de Vidas Passadas no processo de autoconhecimento?

9 - A VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Espíritos errantes:

Espíritos errantes são todos os Espíritos que, estando desencarnados, ainda estão sujeitos à reencarnação. Diz-se, então, que eles vivem, ou estão na erraticidade. Os Espíritos puros que não necessitam mais reencarnar, não são denominados errantes; e, então, eles não estão na erraticidade.

A reencarnação dos Espíritos errantes não se processa logo em seguida à desencarnação, ocorrendo geralmente após intervalos mais ou menos longos. Em resposta a Allan Kardec, os benfeitores espirituais disseram que o tempo que o Espírito permanece na erraticidade aguardando novas encarnações, varia de algumas horas a alguns milhares de séculos - (“O Livro dos Espíritos” – questão 224-a).

Nos mundos superiores as reencarnações podem ocorrer quase que imediatamente após o desencarne; pelo fato de a matéria ser menos grosseira, o Espírito desfruta de maior liberdade, fazendo de modo mais amplo uso de suas faculdades espirituais, o que possibilita que tenha uma visão mais nítida da realidade à sua volta.

Alguns Espíritos solicitam que a erraticidade se prolongue, a fim de prosseguirem em estudos só suscetíveis de serem realizados no mundo espiritual. Mas, também existem casos em que os próprios Espíritos demoram a reencarnar por temerem as conseqüências da vida que virão a ter, tal o montante de débitos que contraíram perante a justiça divina, sendo necessário então a reencarnação compulsória.

O fato de permanecer na erraticidade não é indicio de inferioridade dos Espíritos, uma vez que a condição de errantes abrange toda a escala evolutiva, com exceção dos Espíritos puros.

Os Espíritos errantes estudam e procuram meios de elevar-se, mas é na existência corpórea que põem em prática aquilo que aprenderam, porque é na vida material que acontecem os grandes embates que levam os Espíritos a superar-se. São felizes ou infelizes, conforme os méritos conquistados; sofrem por efeito das paixões, cuja essência conservaram, e são felizes de conformidade com o grau evolutivo a que tenham chegado. Na erraticidade têm a percepção do que lhes falta para serem felizes, e desde então procuram os meios de se melhorarem.

Mundos transitórios:

Existem mundos espirituais chamados transitórios, particularmente destinados aos seres errantes e que lhes servem de habitação temporária, onde descansam durante uma longa erraticidade, servindo-lhes de estação de repouso. Nesses mundos eles progridem, instruem-se e obtêm permissão para passar a outros lugares melhores e chegar mais depressa à perfeição. Em tais mundos, a superfície é estéril transitoriamente e os seres que os habitam de nada precisam em relação à natureza material, mas não conservam permanentemente essa condição - (“O Livro dos Espíritos” – questão 236- “a” e “b”).

Assim, nada é inútil na natureza, pois tudo tem um fim, uma destinação: em local algum do universo há o vazio; nele tudo é habitado, e a vida se manifesta em toda parte. Mesmo no período de formação da Terra, quando seus períodos de transição eram lentos, antes mesmo do aparecimento dos primeiros seres orgânicos, não havia ausência de vida espiritual no planeta.

Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos:

Percepção é a faculdade que os Espíritos têm de perceber o mundo à sua volta, faculdade essa que nos Espíritos desencarnados é muito mais acurada do que nos encarnados. Isto ocorre em função da matéria compacta que representa verdadeiro entrave

para a livre manifestação das suas faculdades; livre da matéria, a inteligência e demais potencialidades se revelam em toda sua plenitude. Porém, a maior ou menor expressão de tais atributos está diretamente relacionada ao grau evolutivo de cada um, ou seja: quanto mais se aproximam da perfeição, maior é a percepção que os Espíritos têm da realidade que os cerca. Assim, Espíritos ainda não evoluídos são mais ou menos ignorantes acerca de tudo. Isto significa que enquanto os Espíritos superiores conhecem, em grande extensão, o princípio das coisas, os inferiores não sabem mais do que sabem os homens de igual condição evolutiva.

Percepção exterior:

Com relação à percepção exterior, os Espíritos vêem por si mesmos, não necessitando de luz externa. Aqueles que são bons livraram-se das trevas, que são peculiares apenas aos que passam por grandes expiações. Desfrutam da faculdade de ver, a qual reside em todo seu ser, assim como a luz que se encontra em todas as partes de um corpo luminoso. Trata-se de uma espécie de lucidez que se estende a tudo e para a qual não há trevas; ela abrange o espaço, o tempo e as coisas, e é por isto que a visão do Espírito independe da luz exterior.

Outra particularidade inerente aos Espíritos elevados, é que podem ver em dois lugares simultaneamente, uma vez que se transportam com a velocidade do pensamento; os que são mais elevados irradiam seus pensamentos em várias direções ao mesmo tempo.

Percepção do tempo:

Os Espíritos vivem fora do tempo tal como é concebido no plano físico, pois a medida temporal praticamente deixa de existir para eles; enquanto para os encarnados os séculos são longos, para os desencarnados não passam de instantes que se diluem na eternidade.

Conhecimento do passado e futuro:

O conhecimento do passado e do futuro é muito relativo para os Espíritos. Quanto mais evoluídos, mais noções têm do passado, e pressentem com maior nitidez o futuro. Quase sempre, nada mais fazem do que entrevê-lo, mas nem sempre têm a permissão de o revelar; quando o vêem, este lhes parece presente. Contudo, nenhum Espírito de ordem elevada tem completo conhecimento do futuro, pois este somente pertence a Deus - ("O Livro dos Espíritos" – questão 243).

Percepção da música e das belezas naturais:

Os Espíritos desencarnados, por terem as percepções mais afloradas, têm suas qualidades sensitivas mais desenvolvidas; portanto, são mais sensíveis à música, principalmente à música celeste, muito mais perfeita do que a do mundo material. A mesma sensibilidade se revela também no que diz respeito às belezas naturais dos diferentes mundos espirituais. Estas belezas são tão diversas que estamos longe de as conhecer, mas os Espíritos são sensíveis a elas, segundo as suas aptidões para as apreciar e compreender - ("O Livro dos Espíritos" – questão 252).

Intuição de Deus:

Respondendo a uma pergunta sobre se os Espíritos vêem Deus os benfeitores espirituais afirmaram que somente Espíritos superiores o vêem e compreendem, enquanto os menos evoluídos sentem-no intuitivamente. É assim que um Espírito não evoluído não vê Deus, mas sente a sua soberania, e quando uma coisa não deve ser feita ou uma palavra não deve ser dita, ele o sente como uma intuição, uma advertência invisível que o inibe de fazê-lo - ("O Livro dos Espíritos" – questão 244 e 244-a).

Diferentes estados da alma na erraticidade:

Independentemente da diversidade dos mundos, pode-se definir também a palavra morada usada por Jesus, como sendo o estado de felicidade ou infelicidade que o Espírito

desfruta na erraticidade. Assim, aqueles Espíritos que na existência corpórea tiveram demasiado apego às coisas materiais, não conseguem se desprender totalmente dos valores terrenos. Este apego faz com que não se libertem facilmente dos convencionalismos terrenos, deixando de percorrer o espaço infinito em busca de um maior esclarecimento, preferindo, pelo contrário, manterem-se jungidos às coisas transitórias do mundo corporal. Assim, enquanto os Espíritos menos evoluídos erram nas trevas, os felizes desfrutam de uma luz resplandecente e do sublime espetáculo do infinito.

No livro “O Céu e o Inferno”, Allan Kardec através da manifestação de Espíritos de várias categorias, propicia quadro que descreveremos abaixo, que é bastante nítido das alegrias ou das penúrias que os Espíritos experimentam quando na erraticidade, segundo o modo de vida que tiveram quando encarnados.

Espíritos felizes:

Pessoas íntegras e bondosas que sofreram enfermidades ou experimentaram rudes provas, jamais lhes faltando coragem nas adversidades, entram no mundo espiritual desfrutando de indescritível felicidade. A separação do invólucro físico se assemelha a um sonho, sem sentirem qualquer sensação de dor. Alguns Espíritos descrevem que passam a perceber brilhante luz, tendo a impressão de saírem de uma atmosfera constrangedora para sentirem indizível bem-estar.

Espíritos em condição intermediária:

O mesmo não acontece com aqueles que na vida terrena foram consideradas pessoas de boa índole, que não praticaram o mal, mas também não fizeram o bem, incapazes de qualquer sacrifício para minorar um sofrimento alheio, esquivando-se de qualquer ato de caridade. Para estes, o fenômeno da morte se torna mais penoso, prolongado, e a sensação que experimentam ao adentrarem o mundo invisível não é tão alentadora.

Espíritos sofredores:

Um quadro bem adverso apresenta um Espírito que na existência física foi orgulhoso, que jamais se preocupou com o aprimoramento de suas qualidades morais e espirituais, e muito menos se condeou dos sofrimentos alheios. O estado da alma desse Espírito na erraticidade é assaz doloroso, pois sua consciência acusa-o constantemente, aumentando ainda mais seus sofrimentos morais. Tal Espírito tem a sensação de que seus sofrimentos são eternos, não entrevedendo sequer um termo para suas dores.

Espíritos que adentraram o mundo espiritual pela porta enganosa do suicídio vivem verdadeiros martírios; o seu estado da alma é dos mais deploráveis, pois, muitas vezes, experimentam a sensação de estarem ligados aos seus antigos invólucros físicos.

Não menos agudo é o sofrimento dos Espíritos endurecidos que, pelo orgulho, não se arrependem do mal praticado. São Espíritos insubmissos que se revoltam contra a justiça divina, hesitando em se submeterem à vontade eterna do Criador. Por isso, vivem num estado trevoso e de revolta interior, refratários ao benefício balsâmico do perdão. Tais Espíritos também têm a sensação de viverem em eterno sofrimento e somente novas e difíceis reencarnações os aproximarão do caminho do bem.

Relações de além túmulo:

No mundo espiritual, da mesma maneira que no plano material, os Espíritos se reúnem em associações, classes, sociedades conjugando interesses semelhantes entre os indivíduos. Juntam-se no espaço em aglomerados afins com seu pensamento, de modo a continuar o mesmo gênero de vida que procuravam quando encarnados.

Porém, nem todos os Espíritos têm acesso, reciprocamente, uns junto aos outros. Os bons vão por toda a parte e é necessário que assim seja, para que possam exercer a sua influência sobre os maus. Mas as regiões habitadas pelos bons são interditadas aos

imperfeitos, a fim de que não levem a elas o distúrbio das más paixões - (“O Livro dos Espíritos” – questão 279).

Os Espíritos têm uns sobre os outros a autoridade correspondente ao grau de superioridade que hajam alcançado. Porém, essa autoridade não se refere aos valores terrenos, mas sim a uma ascendência moral irresistível. As posições de destaque ocupadas no mundo material, o poder, a autoridade, não conferem nenhuma supremacia ao homem no mundo dos Espíritos; o maior na Terra pode estar na última classe entre os Espíritos; enquanto que seu servidor pode estar na primeira. Jesus nos disse que quem se humilhar será exaltado, e quem se exaltar será humilhado. Aquele que foi grande entre os homens, e como Espírito vê-se junto dos Espíritos não evoluídos, movido pelo seu orgulho e inveja sente-se muito humilhado com esta situação - (“O Livro dos Espíritos” – questão 275-a)

Os Espíritos se comunicam entre si. Eles se vêem e se compreendem. O fluido universal estabelece entre eles uma comunicação constante; é o veículo de transmissão do pensamento, como o ar é o veículo do som - (“O Livro dos Espíritos” – questão 282).

Não podem dissimular reciprocamente seus pensamentos, nem esconder-se uns dos outros, pois para eles tudo permanece descoberto, principalmente quando são perfeitos. A linguagem entre os Espíritos é, portanto, a linguagem do pensamento, e não necessariamente a linguagem material articulada.

Os Espíritos reconhecem-se e constataam sua individualidade pelo perispírito, que os torna seres distintos uns para os outros, como os corpos entre os homens - (“O Livro dos Espíritos” – questão 284).

Desta maneira reconhecem aqueles que foram seus pais, filhos, amigos ou inimigos quando encarnados. Geralmente ao desencarnar a alma vê os parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos, os quais a felicitam como no regresso de uma viagem. A alma do justo é recebida como um irmão bem amado e longamente esperado; a do mau é recebida com natural reserva.

Pode continuar a existir no mundo dos Espíritos a afeição que dois seres se consagravam no mundo material, desde que originada da verdadeira simpatia. Se, no entanto, esta afeição nasceu principalmente de causas de ordem física, a afeição desaparece com a causa. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis que na Terra, porque não se acham subordinadas aos caprichos dos interesses materiais e do amor-próprio - (“O Livro dos Espíritos” – questão 297).

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- O termo erraticidade significa:

- () local onde permanecem os Espíritos que erraram muito.
- () condição de Espíritos que deverão reencarnar.
- () plano espiritual.
- () local onde vivem os Espíritos evoluídos.

2- Por que certos Espíritos pedem um tempo maior de permanência na erraticidade?

3- Se o aprendizado de um Espírito se dá no mundo espiritual por que ele não pode ficar somente ali, por que necessita reencarnar?

4- Fale sobre a percepção dos Espíritos em relação
- ao mundo:

- tempo:

- conhecimento do passado e futuro:

- música e belezas naturais:

5- Como é a percepção de Deus para os Espíritos mais e menos evoluídos?

6- Sabemos que as muitas moradas da casa do Pai, a que se refere Jesus são os diferentes mundos habitados. Qual é o segundo sentido dessa fala do Mestre?

7- Os Espíritos se reúnem por:

() preferências pessoais.

() afinidades.

() desígnio divino.

8- Sabemos que alguns Espíritos exercem domínio e subjugação para com os outros. Outros, porém, têm autoridade sobre outros Espíritos?

O que determina essa autoridade?

9- O veículo de comunicação utilizado entre os Espíritos é:

() a palavra.

() o pensamento.

() aparelho sofisticado ainda indisponível no mundo físico.

10 - DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS

Introdução:

A existência da vida em outros mundos do universo é um dos princípios fundamentais da doutrina espírita.

Allan Kardec em “O Livro dos Espíritos” – questão 55, afirma:

“Deus povoou os mundos de seres vivos e todos concorrem para o objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos estejam limitados apenas ao ponto que habitamos no universo, seria pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que nada fez de inútil e deve ter destinado esses mundos a um fim mais sério do que o de alegrar aos nossos olhos. Nada, aliás, nem na posição, no volume ou na constituição física da Terra, pode razoavelmente levar-nos à suposição de que ela tenha o privilégio de ser habitada com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.”

Ao afirmar, no entanto, que todos os globos que circulam no espaço são habitados, os Espíritos superiores não estão declarando que se trata de vida orgânica, física, à semelhança da Terra. Sabemos que mitos orbes não estão constituídos por uma população de almas encarnadas, mas sim, por Espíritos errantes, aguardando o momento de uma nova encarnação.

Kardec denomina de mundos transitórios a estes globos desprovidos de vida orgânica, mas habitados por entidades desencarnadas.

Diferentes mundos:

Com relação à constituição física dos diferentes globos, os benfeitores afirmam que eles absolutamente não se assemelham, pois os seres têm organizações distintas, como “os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar”.

Kardec em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Capítulo 3, apresenta uma classificação didática dos diferentes mundos:

Mundos primitivos:

São aqueles onde se verificam as primeiras encarnações da alma humana. São ainda inferiores à Terra, tanto moral quanto intelectualmente.

Mundos de expiação e provas:

Correspondem a mundos onde ainda predomina o mal. A superioridade da inteligência, num grande número de seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo. As qualidades inatas dos que a povoam são a prova de que os Espíritos aqui encarnados já realizaram certo progresso, mas também os numerosos vícios a que se inclinam são o indício de uma grande imperfeição moral.

A Terra nos oferece um dos tipos de mundos expiatórios, em que as variedades são infinitas, mas têm por caráter comum servir como meio de expiação aos erros do passado e apresentar provas para o futuro, onde, através das dificuldades, da luta, enfim, contra as más inclinações os Espíritos aqui vinculados, poderão alçar-se a globos menos materializados.

Mundos de regeneração:

Os mundos de regeneração servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. As almas que buscam uma evolução consciente, neles encontram a paz, o descanso e os elementos para avançarem ainda mais para a perfectibilidade.

Nesses mundos o ser humano ainda está sujeito às leis que regem a matéria. A humanidade ainda experimenta sensações e desejos dos que habitam a Terra, mas está isenta das paixões desordenadas que escravizam. Neles não há mais orgulho que emudece o coração, nem a inveja que tortura e o ódio que asfixia.

Nesses mundos, contudo, ainda não existe a perfeita felicidade, mas a aurora da felicidade. Os Espíritos vinculados a eles necessitam ainda muito evoluir em bondade e em inteligência.

Mundos felizes:

São aqueles onde o bem supera o mal. Kardec mostra-nos algumas características desses mundos:

- a matéria é menos densa, o ser humano já não se arrasta penosamente e suas necessidades físicas são menos grosseiras.
- o Espírito é mais livre, tem percepções que desconhecemos e a mediunidade intuitiva é bem mais evidente do que entre nós.
- a intuição do futuro e a segurança que lhes dá uma consciência tranquila e isenta de remorsos fazem com que a morte não lhes cause nenhuma apreensão.
- a duração da vida é bem maior, pois o corpo está menos sujeito às vicissitudes da matéria grosseira.
- a infância existe, mas é mais curta e menos ingênua.
- a autoridade é sempre respeitada, porque decorre unicamente da superioridade moral e se exerce sempre com justiça.
- a lembrança das existências corpóreas é mais precisa.

Mundos celestes ou divinos:

Constituem-se a morada dos Espíritos purificados, onde o bem reina absoluto. Ali não existe o mal.

Encarnação nos diferentes mundos:

A encarnação nos diferentes mundos obedece a um critério de progresso moral: Quando em um mundo, os Espíritos hão realizado a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para encarnar em outro mais adiantado, onde adquirem novos conhecimentos.

Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente. A escala grandiosa dos mundos tem inúmeros graus, dispostos para a ascensão progressiva das almas, que os devem transpor, cada um por sua vez.

Pode ocorrer a encarnação de um Espírito em mundo inferior àquele em sua última existência, se estiver em missão, com o objetivo de auxiliar o progresso ou em expiação se for renitente no mal. Poderá ser degredado para um mundo inferior, para que, através do sofrimento e das dificuldades, se reedue e ao mesmo tempo coopere para o progresso coletivo desse mundo.

A transformação da Terra:

Informam os Espíritos superiores que são chegados os tempos marcados pela Divindade, em que grandes acontecimentos vão se dar para a regeneração da humanidade.

O nosso globo, como tudo que existe, está submetido à lei do progresso. Progride fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõe e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam.

De duas maneiras se executa esse duplo progresso: uma, lenta, gradual e insensível; a outra caracterizada por mudanças bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido, que assinala os períodos progressivos da humanidade.

Estamos vivendo, hoje, uma dessas mudanças bruscas, em que o orbe terráqueo vai sofrer profundas transformações quanto às populações de Espíritos vinculados a ele, pois, informam-nos os diversos autores espíritas que a Terra irá, no decorrer deste milênio, deixar de ser um mundo de provas e expiações e alçar-se à categoria de mundo de regeneração.

Essa transformação admirável do planeta, consequência mesmo da força das coisas, foi predita em várias passagens do Evangelho. Sob forma figurada, às vezes com expressões duras, os evangelistas e os apóstolos puderam pressentir que este momento não lhes estava longe.

“O meu reino não é deste mundo”. (Jesus)

“Bem aventurados os mansos, porque herdarão a Terra...” (Jesus)

“Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.” (João Batista)

“Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão avarentos, egoístas, arrogantes, etc., todavia eles não irão avante”. (Paulo à Timóteo)

Assevera Allan Kardec “que aqueles que esperarem ver as transformações por efeitos sobrenaturais, serão decepcionados”, porque esse processo de evolução espiritual do planeta, vai se desenrolar sem cataclismos, sem traumas físicos, sem abalos ou comoção no orbe. Não haverá guerras exterminadoras, flagelos gravíssimos, epidemias cruéis, grandes desastres. A transformação é puramente espiritual e vai desenvolver-se paulatinamente. Será a depuração moral dos seres humanos que habitam a Terra que caracterizará o progresso do planeta.

Kardec ensina:

“Uma mudança tão radical como a que se elabora não pode realizar-se sem comoção; haja luta inevitável entre as ideias. É, pois, da luta das ideias que surgirão os graves acontecimentos anunciados e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram consequências do estado de formação da Terra, hoje não são as entranhas do globo que se agitam, são as humanidades. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova lhe sucederá da mesma forma, sem que nada seja mudado na ordem material das coisas.” (“Obras Póstumas” – Regeneração da Humanidade)

Segundo Kardec, o que ocorrerá é uma seleção de Espíritos. Espíritos endurecidos no mal, recalcitrantes no erro, insensíveis ao convite para a renovação moral, não mais reencarnarão no globo, sendo degredados para mundos inferiores. Por outro lado, a Terra está recebendo Espíritos sensíveis, conscientes da necessidade de se esforçarem na conquista do bem comum. Este processo segundo os benfeitores, deverá concretizar-se durante o terceiro milênio.

Lembra ainda o codificador que:

“A regeneração da humanidade, não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera em todos quantos lhe estão predispostos, desde que sejam subtraídos à influência perniciosa do mundo. Assim, nem sempre os que encarnarem serão outros Espíritos; são com frequência os mesmos Espíritos, mas pensando e sentindo de outra maneira”.

Uma comparação vulgar ainda melhor fará compreender o que se passa nessa circunstância. Figuremos um regimento composto na sua maioria por homens turbulentos e indisciplinados, os quais ocasionarão nele constantes desordens. Esses homens são os mais fortes, porque mais numerosos do que os outros. Eles se amparam, animam e estimulam pelo exemplo; os poucos bons nenhuma influência exercem; seus conselhos são desprezados; sofrem com a companhia dos outros, que os achincalham e maltratam. Suponhamos que esses homens sejam retirados um a um, dez a dez, cem a cem do regimento e substituídos, mesmo por alguns dos que, já tendo sido expulsos, se corrigiram. Ao cabo de algum tempo, existirá o mesmo regimento, mas transformado. A boa ordem terá sucedido a desordem.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- Como podemos entender a fala dos Espíritos superiores quando nos dizem que todos os mundos que compõem a casa do Pai são habitados?

2- O que são mundos transitórios?

3- Relacione:

A- Mundos primitivos

B- Mundo de expiações e provas

C- Mundos de regeneração

D- Mundos felizes

E- Mundos divinos

- () O bem supera o mal, a vida física é mais longa e a infância é curta.
- () Há sensações e desejos materiais, mas não há paixões escravizantes.
- () O mal predomina, há muita imperfeição moral, porém a inteligência é desenvolvida.
- () O bem reina absoluto. O mal não existe.
- () Ocorrem as primeiras encarnações dos seres humanos.

4- O que determina o local onde um Espírito irá reencarnar é:

- () a soberania de Deus.
- () a evolução moral do Espírito.
- () a necessidade do Espírito conviver com afeições do passado.

5- Segundo Kardec, como irá acontecer a regeneração do planeta Terra?

6- A terra, estando sujeita à lei do progresso necessariamente evoluirá de mundo de expiação e provas para mundo de regeneração. Sabemos que hoje é um mundo composto por Espíritos bastante imperfeitos e propensos ao mal.

De onde virão os Espíritos que povoarão o planeta regenerado?

11 - INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO FÍSICO

O pensamento:

O princípio inteligente, através de sua longa viagem pelos reinos da Natureza, foi desenvolvendo características e aptidões importantes e indispensáveis para sua evolução. Funções rudimentares e simples se transformaram, com o passar do tempo, em funções cada vez mais especializadas e complexas. Da função desenvolvida por uma única organela celular tivemos o aparecimento de maravilhosos e competentes aparelhos e sistemas orgânicos. Tudo isso exigiu um controle eficiente e preciso; assim o princípio inteligente foi desenvolvendo simultaneamente o sistema nervoso, para desempenhar esta tarefa. Após milênios de evolução, estava pronto o espetacular órgão do corpo humano, o cérebro, que passou a ser o dirigente e o gerente de cada repartição do corpo físico do homem.

Qualquer atividade nossa é comandada pelo cérebro, desde as mais simples, como o piscar de olhos, até as mais complexas como escrever, falar... Se acompanharmos a evolução do princípio inteligente, vamos observar que as aptidões, após serem conquistadas, são armazenadas como patrimônio eterno do ser. À medida que aptidões mais complexas se desenvolvem, as mais simples passam ao controle do inconsciente (automatismo). Podemos assim dizer que: o cérebro comanda nosso corpo físico utilizando-se de ordens conscientes (falar, escrever, andar...) e ordens inconscientes (piscar os olhos, bater o coração, respirar...).

A Ciência da Terra consegue explicar como ocorrem as alterações cerebrais diante de um estímulo, qual a área do cérebro responsável pelo controle de certa função orgânica, explica como a ordem, partindo do cérebro, atinge o órgão efector. A Ciência terrena se perde quando não consegue entender o motivo pelo qual, a um mesmo estímulo, duas pessoas respondem de forma tão diferente em certas circunstâncias. Por que duas pessoas ao ouvirem uma mensagem ou uma música, uma chega às lágrimas, enquanto a outra se mostra indiferente.

Para entendermos este aspecto, temos que recorrer à ciência não convencional. O Espiritismo nos explica este fato com clareza.

Nós espíritas, sabemos a diferença entre um Espírito encarnado e outro Espírito desencarnado, e entre outras coisas, que o encarnado por precisar atuar sobre a matéria densa, necessita do corpo físico. A doutrina espírita nos ensina que o corpo físico, desde o momento da concepção, é formado, tendo como molde o perispírito. Nosso corpo físico é uma cópia, uma réplica rudimentar de nosso corpo perispiritual. Guardando certos limites, podemos afirmar que o cérebro humano é uma réplica do cérebro perispiritual, pois nem todas as características são passadas ao corpo físico, mas apenas as possíveis e necessárias a cada reencarnação. Seriam dois computadores de gerações diferentes.

Ou seja, quem realmente responde ao estímulo do meio é o Espírito, e a resposta ganha o corpo físico através do perispírito. O Espírito pensa e manda, o perispírito transmite e o corpo físico materialmente responde. No exemplo que citamos, o Espírito ao ouvir a música ou a mensagem responde ao estímulo, após julgá-lo, utilizando-se de todo seu patrimônio moral e intelectual, adquirido em reencarnações sucessivas, explicando assim a resposta diferente de dois Espíritos ao mesmo estímulo. Ou seja, ocorre na matéria a exteriorização de tudo aquilo que existe no Espírito como um todo. Albert Einstein afirmava que todos nós vivemos em um Universo de energias, que a matéria é, na verdade, a apresentação momentânea da energia, como a água pode se apresentar em seus três estados: sólido, líquido e gasoso.

Quando o Espírito pensa, estando encarnado ou não, pois como vimos, quem pensa é o Espírito e não o cérebro físico, ele funciona como uma fonte de energia, criando as ondas mentais, gerando em torno de si o “campo de influência da mente humana”, conhecido com o nome de “hálito mental”, como nos ensina o autor espiritual André Luiz. Como cada um de nós pensa de acordo com seu patrimônio intelecto-moral, emitimos ondas mentais diferentes. Projetamos constantemente uma vibração nas partículas que compõem nosso perispírito de acordo com nossa evolução: cor, cheiro, sensação agradável ou desagradável...

Penetração dos nossos pensamentos pelos Espíritos:

Um pensador famoso já alertava que “uma falta jamais seria cometida, se o faltoso soubesse estar sendo observado pela pessoa que mais respeitasse”. Ninguém melhor que o espírita consciente para conhecer esta profunda verdade, já que os Espíritos a tudo observam por estarem permanentemente em todo o derredor. E não se trata de um só ou dois. São inúmeros os Espíritos que acompanham o cotidiano dos seres humanos; uma quantidade que se assemelha à multidão das mais movimentadas ruas de uma cidade.

Qual acontece com o indivíduo quando percorre uma via pública, eles, os Espíritos, só se sentem atraídos por aquilo que lhes interessa. Quando o homem transita na multidão, tem sua atenção voltada somente para certos aspectos, como por exemplo, as instruções do guarda de trânsito, os vendedores ambulantes, um rosto preocupado, uma pessoa bem vestida, outra maltrapilha, os sinais do semáforo, os luminosos ou as vitrines. O mesmo ocorre com os Espíritos: apesar das centenas que se agrupam, não vê cada um senão aquelas coisas a que dirige sua atenção, porque eles não se ocupam das que não lhe interessam - (“O Livro dos Espíritos” – questão 456).

Há, porém, uma diferença entre o ser humano na via pública e os Espíritos no cotidiano: é que o homem, como encarnado, só observa o que está ao alcance da vista; não consegue penetrar no íntimo das criaturas; os Espíritos, entretanto, podem penetrar fundo nos pensamentos, por mais secretos que sejam.

Conhecem, muitas vezes, aquilo que o homem deseja ocultar a si mesmo. Nem atos, nem pensamentos podem ser dissimulados para eles - (“O Livro dos Espíritos” – questão 457); não adianta tentar mentir ou dissimular fraquezas e intenções. A linguagem dos Espíritos é o pensamento; basta que se emita um pensamento para que ele alcance um Espírito afim ao pensamento emitido.

Os Espíritos levianos juntam-se às ilusões dos encarnados e preparam-lhes verdadeiras armadilhas; isso os leva a divertirem-se à custa dos menos avisados. Já Espíritos sérios, tais como os protetores e amigos, preocupam-se com a segurança dos que lhes são caros, lamentam seus erros e o mau uso do livre-arbítrio, e por isso procuram sempre auxiliá-los.

Influência sobre nossos pensamentos e ações:

As influências dos Espíritos sobre os pensamentos interferem nas decisões de muitas criaturas, tanto no sentido negativo como no positivo. Cumpre atentar para os pensamentos contraditórios que ocorrem sobre um mesmo assunto. Porém, grande é a dificuldade de diferenciar os pensamentos próprios dos que são sugeridos. Os pensamentos próprios são, em geral, os que ocorrem no primeiro impulso - (“O Livro dos Espíritos” – questão 461).

Se forem na direção do bem, idéias boas virão somar-se e fortalecer-las. Se ao contrário, forem na direção do mal, sugestões das sombras é que prevalecerão, avolumando-se as conseqüências negativas; nisto consiste o “vigiai e orai” a que se referiu Jesus.

Periodicamente, Espíritos dotados de maior discernimento e inteligência encarnam com idéias próprias, trazendo descobertas científicas e mensagens evangélicas em benefício

da humanidade. No entanto, quando eles não as encontram em si mesmos, apelam para a inspiração, o que em última análise é uma evocação que fazem sem o suspeitar - (“O Livro dos Espíritos” – questão 462).

Não é seguro afirmar que o primeiro impulso é sempre bom. Ele é bom ou mau, segundo a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom para aquele que ouve as boas inspirações - (“O Livro dos Espíritos” – questão 463).

Já no caso de Espíritos cuja influência é repelida pela vontade do encarnado, renunciam às suas tentativas, pois que nada mais têm a fazer ali.

O recurso infalível para se neutralizar a influência dos maus Espíritos é fazer o bem, colocar toda confiança em Deus, guardar-se de ouvir sugestões que possam dar guarida a maus pensamentos, que insuflam a discórdia e que excitam as paixões. É preciso desconfiar sempre de todos os apelos que exaltem o orgulho, porque as forças do mal se prevalecem das fraquezas humanas para exercer o seu domínio.

Quando alguém se sente atribulado por um estado de angústia ou de ansiedade indefinível, ou mesmo de uma insatisfação interior sem causa conhecida, quer no estado de vigília, quer durante o sono, freqüentemente essa situação é consequência de contatos involuntários ou mesmo inconscientes com Espíritos imperfeitos, devido a circunstâncias criadas pelo próprio indivíduo.

A recomendação, portanto, é de se criar cotidianamente hábitos sadios para que eles inspirem permanentemente reações de paz, tranqüilidade, ponderação, segurança e amor. Eis porque, em todas as circunstâncias, é imprescindível reconhecer o valor da prece e da conversação edificante, para se ter a influência dos bons Espíritos.

Os inimigos desencarnados:

Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso - (Lucas: 6: 36).

Em épocas imemoriais, ofereciam-se sacrifícios aos deuses a fim de apaziguá-los. Tais deuses, contudo, nada mais eram que Espíritos infelizes, ainda extremamente ligados a interesses materiais. Doutrinas mais evoluídas, posteriormente, deram-lhes outros nomes, porém, na essência, tudo continuou a mesma coisa.

O bom senso que caracteriza o Espiritismo não aceita a existência de entidades voltadas inexoravelmente para o mal, porquanto isto seria a negação peremptória da infinita misericórdia de Deus. Esses seres nada mais são do que as almas dos homens que por ainda não se terem despojado das tendências malévolas, persistem na prática do mal.

Ao invés de sacrifícios materiais para apaziguar essas entidades, o que se deve fazer é renunciar à intransigência humana que teima em considerá-los irreversíveis gênios das sombras e, indulgentemente, aplicar-lhes a lei da caridade e do perdão, porque, só assim, pelo exemplo, é que os homens podem enternecer essas almas rebeldes com sucesso, predispondo-as à prática do bem e redirecionando-as à senda que leva à reforma íntima. Com este procedimento, o preceito cristão “amai vossos inimigos”, passa a ter um sentido mais amplo, traduzindo em efetivos sentimentos de solidariedade e de fraternidade, extrapolando o âmbito acanhado em que tem sido compreendido e aplicando o refrão evangélico segundo o qual “o amor cobre a multidão de pecados”.

A maldade não é um estado permanente do ser humano, mas ocorre devido a uma imperfeição passageira, que será corrigida em tempo oportuno, quando então o homem mau se transmutará no homem bom. Como tudo o que existe no Universo foi criado por Deus, o mesmo acontece com esses Espíritos que alimentam tendências maléficas. Eles também são filhos de Deus, desviados do caminho reto; mas não podem permanecer indefinidamente no estado de maldade, pois a lei de evolução, que se manifesta sob a forma

de dor e expiação, os levará infalivelmente à redenção espiritual, quando então se transformarão em criaturas propensas à prática do bem.

Não havendo perdão irrestrito, o Espírito daquele que é inimigo do encarnado, ao passar para o mundo espiritual, continuará a ter sentimentos de rancor e de vingança, atuando sobre a vida do encarnado e mesmo causando-lhe sérias perturbações. Igualmente, no caso de o ser humano desencarnar sem que tenha havido reconciliação, ele continuará também a manter essa animosidade no plano espiritual.

Foi por esse motivo que Jesus recomendou a reconciliação com o adversário, enquanto “estiver a caminho com ele”, isto é, enquanto estiverem juntos encarnados, pois sem isso, muito mais difícil será a reconciliação futura, quando os desafetos estiverem em planos diferentes.

Nos textos evangélicos são encontrados múltiplos exemplos de vinganças espirituais, a se manifestarem sob a forma de obsessão, como no caso do possesso gadareno, relatado em Marcos: 5, 1 a 20, o do jovem lunático em Lucas: 9: 37 a 43, o da filha da mulher Cananéia (Marcos: 7: 24 a 30), do possesso de Cafarnaum (Lucas 4: 33 a 36, o assédio dos sete Espíritos endemoniados sobre Maria Madalena (Lucas: 8: 2), e ainda o da mulher que vivia curvada há dezoito anos por influência de Espíritos maus (Lucas. 13:10 a 17).

Os inimigos desencarnados têm agido no decorrer de todos os tempos, sob as mais variadas formas. Algumas vezes agem por vingança, outras, pelo simples prazer de praticar o mal.

Afeições dos Espíritos por certas pessoas:

Os Espíritos geralmente possuem afeição por determinadas pessoas. Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem ou suscetíveis de progredir; os Espíritos não evoluídos, com os homens viciosos ou que podem viciar-se; daí seu apego, resultante da semelhança de sensações - (“O Livro dos Espíritos” – questão 484).

Os bons Espíritos interessam-se pelos infortúnios dos homens e afligem-se pelo mal que estes experimentam. Geralmente se compadecem de nossos sofrimentos tal como nos compadecemos dos sofrimentos de um amigo, e reerguem nossa coragem. Entre esses Espíritos temos os anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares e simpáticos.

Anjos da guarda – Espíritos protetores:

Em todos os tempos, os seres humanos sempre pressentiram a permanente atuação desses Espíritos - os anjos da guarda, que, até o advento da doutrina espírita, eram considerados supranormais. Não se trata de seres à parte da Criação, mas de entidades, que assumem, como missão, o compromisso de nos assistir e velar por nós na existência terrena, aconselhando-nos sem afetar o nosso livre-arbítrio, guiando assim nossos passos. Eles sentem-se satisfeitos quando acatamos suas sugestões e repelimos o mal, e ficam ressentidos quando preferimos dar guarida às sugestões de Espíritos inferiores.

Anjo da guarda, segundo a doutrina espírita, é o Espírito protetor de uma ordem mais elevada em relação ao seu tutelado - (“O Livro dos Espíritos” – questão 490).

Os anjos da guarda são chamados mentores. A missão do Espírito protetor, ou mentor, corresponde a de um pai para com os filhos: conduzir o seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, sustentar sua coragem nas provas da vida - (“O Livro dos Espíritos” – questão 491).

Espíritos familiares:

Alguns Espíritos se ligam a uma determinada família, cujos membros estão unidos pela afeição, passando então a ser Espíritos familiares. Eles têm afeição e se unem a estas pessoas por laços mais ou menos duráveis, com o fim de lhes serem úteis, dentro de suas

limitações. São bons, porém, por vezes, pouco adiantados e só atuam por ordem ou permissão dos Espíritos protetores.

Espíritos simpáticos:

São aqueles que se sentem atraídos para o nosso lado por afeições particulares e ainda por certa similitude de gostos e sentimentos, tanto para o bem como para o mal. De modo geral, a duração de suas relações é quase sempre subordinada às circunstâncias. Pela lei de sintonia vibratória ou pelas afinidades, eles continuam ligados àqueles que se fizeram credores de simpatias especiais. Tanto os Espíritos familiares como os simpáticos, ao longo das reencarnações criaram laços indissolúveis que os ligam de forma duradoura.

Os Espíritos, mesmo quando encarnados, sentem-se atraídos pela simpatia, independentemente dos laços consangüíneos. Após se desvencilharem do corpo físico e, voltados aos verdadeiros valores espirituais, estreitam ainda mais esses elos.

Todos os indivíduos deveriam procurar sentir a amiga e respeitável presença dos Espíritos protetores, sem com isso desrespeitar o limite que existe entre eles, pois não lhes é permitido interferir nas atividades e decisões dos encarnados.

“A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira a vos deixar o livre-arbítrio, porque se não tivésseis responsabilidade não vos adiantaríeis na senda que vos deve conduzir a Deus” - (“O Livro dos Espíritos” – questão 501).

A interferência dos Espíritos nas dificuldades faria com que os indivíduos perdessem o fruto da experiência, que só adquirem quando aprendem a equacionar os problemas que surgem aos seus olhos, no âmbito do bem, após árdua luta. Mesmo em suas quedas, os Espíritos procuram levantá-los, não os deixando à mercê das dúvidas e inquietações. Induzem-nos ao roteiro da fé, para que tenham bom ânimo, para prosseguirem em sua jornada no caminho evolutivo, outorgando-lhes assim o mérito de depurar suas próprias dores.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- Explique como se dá o desenvolvimento do princípio inteligente.

2- Qual o papel do cérebro no organismo?

3- Como se explica o fato de um mesmo estímulo produzir reações diferentes em diferentes pessoas?

4- Para Einstein o que é matéria?

5- Explique o que André Luiz define como “hálito mental”.

6- No nosso dia a dia convivemos com uma multidão de Espíritos, porém, apenas alguns deles nos influenciam. O que determina a seleção de quais irão nos influenciar e quais não?

7- Muitos dos Espíritos que nos cercam têm o objetivo de nos influenciar para o mal. O que podemos fazer para nos imunizarmos das influências maléficas?

8- Segundo a concepção do Espiritismo, quem são nossos inimigos desencarnados?

9- Responda numa única palavra:

O que nos liberta do inimigo, transformando-o num Espírito afim?

10- Qual é o papel que o Espírito protetor ou mentor exerce na vida de seu protegido?

11- Assinale a alternativa correta:

O que determina a simpatia entre os Espíritos é:

- () tarefas executas em comum.
- () pertencer à mesma família.
- () convivência anterior a esta vida.
- () atração vibratória.

Para refletir:

Muitas pessoas cometem erros terríveis, atos contra a sociedade, violência contra si mesmas, ou se entreguem ao vício e ao crime.

Como entender isso, uma vez que todos têm a assistência de um Espírito protetor?

12 - OS TRÊS REINOS

Introdução:

Subtende-se por reino, cada uma das ter grandes divisões em que se agrupam todos os corpos da natureza, a saber: reino mineral, reino vegetal e reino animal, ou ainda em duas grandes classes: seres orgânicos e inorgânicos.

Alguns estudiosos, no entanto, do ponto de vista moral, consideram a espécie humana como pertencente a um quarto reino, o hominal, em razão de sua inteligência ilimitada que o diferencia dos demais componentes do reino animal. Tal posição é plenamente corroborada pela codificação espírita, pois, do ponto de vista moral, há, evidentemente, quatro graus. Esses quatro graus têm, com efeito, caracteres bem definidos, embora pareçam confundir-se os seus limites - (“O Livro dos Espíritos” – questão 585).

Os primeiros seres que apareceram na Terra eram unicelulares. Passado cerca de quatro bilhões de anos surgiu o ser humano, com um corpo formado por aproximados sessenta trilhões de células. Como se formaram os primeiros corpos? E os que se lhe seguiram? De onde surgiu o corpo humano?

O corpo dos seres vivos é formado da matéria planetária, dos elementos químicos que formam a tabela periódica, em número e proporções determinadas. Assim é que, das substâncias elementares combinadas e de fatores externos, diferentes em cada mundo, como luz, calor, umidade, pressão atmosférica e forças físicas, entre outros, surgem todos os corpos. A composição de cada substância atende ao grau de afinidade entre os elementos presentes na sua formação e a proporções definidas. É o que se pode observar na água, por exemplo.

Com o passar dos séculos e milênios, na Terra, no silêncio e na inconsciência naturais do processo, na lentidão e constância do tempo, metamorfoses sucederam-se a metamorfoses e a complexidade substituiu a simplicidade das formas; da reprodução assexuada passou-se à sexuada e a evolução das espécies cumpriu seu curso, até que, por derradeiro, como último elo da animalidade sobre a Terra, surgiu o ser inteligente, agora na condição superior de Espírito.

Minerais:

A matéria inerte que constitui o reino mineral, não possui mais do que uma força mecânica - (“O Livro dos Espíritos” – questão 585).

Caracterizando-se pelas inúmeras variedades e combinações dos corpos simples da natureza, este reino constitui-se a partir da agregação da matéria sob o impulso das leis de atração e coesão que unem e equilibram os átomos em estruturas simples e ou complexas. Muito embora composto por matéria inerte e, portanto, sem vitalidade, já neste reino encontra-se latente, o suporte necessário à manifestação da vida que irá despontar no reino vegetal.

Plantas:

As plantas, compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade (“O Livro dos Espíritos” – questão 585), e, embora possuindo fisiologia específica, não têm consciência da sua existência; não pensam e não têm mais do que vida orgânica. Assim, não experimentam sensações nem sofrem quando são mutiladas. São fisicamente afetadas por ações sobre a matéria, mas não têm percepções; por conseguinte, não têm a sensação de dor - (“O Livro dos Espíritos” – questão 587).

A força observada pelos botânicos, que atrai as plantas umas às outras, não constitui manifestação de vontade; trata-se tão somente de uma força mecânica da matéria que age na matéria; elas não poderiam opor-se - ("O Livro dos Espíritos" – questão 588). Algumas plantas, porém, têm determinados movimentos fisiológicos que levam à impressão de possuírem não apenas sensibilidade, como também uma espécie de vontade, como ocorre, por exemplo, com a sensitiva e a dionéia. Mas isto não significa que ambas possuam a faculdade de pensar; elas representam formas intermediárias entre o reino vegetal e o reino animal, da mesma maneira que certos minerais - os cristais - representam a transição entre o reino mineral e o vegetal.

Tudo é transição da Natureza, pelo fato mesmo de que nada é semelhante e, no entanto, tudo se liga. As plantas não pensam e, por conseguinte, não têm vontade. O organismo humano nos fornece exemplos de movimentos análogos, sem a participação da vontade, como as funções digestivas e circulatórias. O mesmo deve acontecer com a sensitiva, na qual os movimentos não implicam absolutamente a necessidade de uma percepção e menos ainda de uma vontade - ("O Livro dos Espíritos" – questão 589).

Mesmo nos mundos superiores, as plantas são sempre plantas, como os animais são sempre animais, e os homens sempre homens - ("O Livro dos Espíritos" – questão 591).

Animais:

No físico o homem é como os animais e menos provido que muitos deles, pois nestes as necessidades de sobrevivência, por exemplo, são providas pela própria natureza, ao passo que o ser humano precisa usar a inteligência para inventar os meios adequados a fim de suprir suas necessidades materiais. Deus permite que assim seja para que possa constantemente desenvolver a sua inteligência.

Os animais, quase que na totalidade de suas vidas, agem por instinto; contudo, alguns já se expressam por uma vontade determinada, provando desfrutar de uma inteligência, se bem que rudimentar e limitada. Há, pois, neles inteligência, mas voltada os meios de satisfazer às suas necessidades físicas e prover a conservação. Não há entre eles nenhuma criação, nenhum melhoramento. Mesmo o progresso que realizam pela ação do homem é efêmero e puramente individual, porque o animal, se abandonado a si próprio, não tarda a voltar aos limites traçados pela Natureza - ("O Livro dos Espíritos" – questão 593).

Os animais, embora não possuam uma linguagem formada de sílabas e palavras, têm formas de se comunicarem, sempre adequadas aos limites restritos de suas necessidades. Na ausência de voz compreendem-se por outros meios, assim como os homens, quando mudos usam a mímica. Sendo-lhes facultada a vida de relação, possuem meios de se prevenirem e de exprimirem as sensações que experimentam; é por isto que os peixes se comunicam entre si, da mesma forma que as baleias e outros animais, pois a linguagem não é privilégio exclusivo dos homens. Ocorre que a linguagem dos animais é instintiva e limitada pelo círculo exclusivo das suas necessidades e as suas ideias, enquanto a do homem é perfectível e se presta a todas as concepções da sua inteligência - ("O Livro dos Espíritos" – questão 594-a).

Em relação à aptidão que certos animais denotam de imitar a linguagem humana, deve-se ao fato de haver certa conformação dos órgãos vocais e é por isso que, levados pelo instinto de imitação, chegam à linguagem e aos gestos dos seres humanos, como é o caso de algumas aves e dos símios.

Apesar de não desfrutarem do livre-arbítrio, os animais não são simples máquinas; têm liberdade de ação, embora limitada e restrita aos atos da vida material, pois, como vimos, possuem uma inteligência igualmente limitada, porém, que os possibilita para tal. No

entanto, se possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, é porque há neles um princípio independente da matéria, e que sobrevive ao corpo; a tal princípio pode-se didaticamente chamar de “alma”, mas é inferior à do homem. Há entre a “alma” dos animais e a do homem tanta distância quanto entre a alma do homem e Deus.

Posto que os animais não possuem “alma” propriamente dita, mas um princípio espiritual, após a morte conservam a sua individualidade, mas não a consciência de si mesmos, uma vez que a vida inteligente permanece em estado latente. Ficam numa espécie de erradicidade, pois não estão mais unidos à matéria, mas nem por isso são Espíritos errantes. Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; os animais não têm a mesma faculdade - (O Livro dos Espíritos – questão 600).

Os animais também acompanham a lei do progresso e nos mundos superiores suas possibilidades são bem mais desenvolvidas, embora permanecendo sempre inferiores e submetidos aos seres humanos.

Toda evolução, inclusive a animal, decorre em função da ordem natural das coisas. Os animais, por não possuírem livre-arbítrio, não passam pelo processo expiatório e ignoram a existência de Deus.

O ser humano:

Ao adentrar o reino hominal, o princípio inteligente, trazendo consigo o acervo de experiências multimilenares conquistadas nos reinos da natureza, adquire o domínio da razão e a consciência de si mesmo, que é o principal atributo do Espírito: não é mais “essência espiritual”, mas Espírito com individualidade própria, discernimento, responsabilidade de seus atos, conhecimento do bem e do mal, conhecimento de Deus e de Suas leis. Para tanto, passa a sua primeira fase de desenvolvimento no plano extra físico e, em seguida, numa série de existências que precedem o período chamado humanidade.

A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período de humanidade começa, em geral, em mundos mais primitivos - (O Livro dos Espíritos – questão 607-b).

Muitos estudiosos classificam o gênero humano como sendo um animal racional e social. Mas, segundo a doutrina espírita, afirmar que o homem é um animal, embora superior, é tão incorreto quanto dizer que o animal é um homem. Seu corpo se destrói como o dos animais, isto é certo, mas o seu Espírito tem um destino que só ele pode compreender, porque só ele é completamente livre – o que torna o homem superior ao animal são os atributos intelectuais e morais e a intuição da existência de Deus, gravada em sua consciência - (“O Livro dos Espíritos” – questão 592).

Após a morte, o Espírito não pode lembrar-se de suas existências anteriores ao período de humanidade, porquanto ainda não havia começado a vida de Espírito, é mesmo difícil que se lembre de suas primeiras existências como homem, exatamente como o ser humano não se lembra mais dos primeiros tempos de sua infância, e ainda menos do tempo que passou no ventre materno - (“O Livro dos Espíritos” – questão 585).

O ser humano, tendo tudo o que existe nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial e ilimitada, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extra materiais e o conhecimento de Deus - (“O Livro dos Espíritos” – questão 585).

Do ponto de vista do reino animal o ser humano não é um ser à parte, porque nada na natureza se faz por transição brusca; há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia dos seres. Mas, o ser humano é de fato um ser à parte, porque tem faculdades que o distinguem de todos os outros e tem outro destino. A espécie humana é a que Deus escolheu

para a encarnação dos seres que O podem conhecer - (“O Livro dos Espíritos” – questões 609 e 610).

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- Complete a frase abaixo:

Os corpos que compõem a Natureza agrupam-se em _____, que são _____, _____ e _____, compostos por seres _____ e _____.

2- Por que a espécie humana pode ser classificada como um 4º reino da Natureza?

3- Qual é o elemento que dá origem aos corpos da Natureza e como se processa essa formação?

4- Quais as características do reino mineral?

5- O que diferencia as plantas dos animais?

6- O que demonstram os cristais e a sensitiva no que se refere à evolução dos seres?

7- Os corpos dos animais e dos homens se assemelham quanto à anatomia e fisiologia. O que caracteriza a distinção entre eles que embasa a fala:

“Entre as almas dos homens e dos animais há uma diferença tão grande quanto a que existe entre a alma do homem e Deus”.

8- Qual é o fator que caracteriza a evolução do ser humano de essência espiritual a Espírito?

9- O que vem a ser livre arbítrio e em que fase da sua evolução o ser humano passa a utilizá-lo?

Sugestão de leitura:

“A Gênese” – Allan Kardec – capítulos 10 e 11.

11 - ÉTICA ESPÍRITA

Introdução

Palavra de origem grega que significa aquilo que pertence ao **caráter** (aspecto interior/individual).

Busca fundamentar o melhor modo de viver: **conjunto de regras de conduta**.

Quando a palavra ética foi traduzida para o Latim, passou ao termo: **MORAL**: relativo a “costumes”; Conjunto de regras ligadas aos hábitos e costumes, (externos).

A Ética não deve ser confundida com a lei, embora a lei tenha como base princípios éticos. Esta relacionada com a compreensão da lei, que varia de pessoa para pessoa; com base no estado de evolução de cada um. Tem aplicação em todas as áreas: economia, política, ciência, família, sociedade.

Então se avaliarmos onde se fundamenta a **ética na Doutrina Espírita**, concluiremos que é no **Evangelho de Jesus**, que nos orienta, nos esclarece, nos convida a transformar, a melhorar o nosso interior, a nossa essência espiritual e consequentemente os nossos hábitos e costumes.

[...] Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para domar as suas más inclinações...[...] ESSE – capítulo 17

Principais pontos – ética segundo o Evangelho de Jesus/Doutrina Espírita

Caridade – o maior mandamento

*[...] Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, de toda a vossa alma e de todo o vosso Espírito; é o maior e o primeiro mandamento. E eis o segundo: **Amareis vosso próximo como a si mesmo**. – toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos, (Mateus, 22:34-40). [...]*

Com esse mandamento maior, o Mestre substituiu o decálogo, isto é, os dez mandamentos de Moisés, pois quem ama a Deus sobre todas as coisas, a ele unicamente presta culto, não adorando imagens de qualquer espécie; respeita o seu sagrado nome e o santifica, não somente um dia, mas todos os dias da semana, todas as horas e todos os minutos. E quem ama o próximo como a si mesmo, honra seus pais, não mata, não adultera, não levanta falso testemunho, nem cobiça coisa alguma de quem quer que seja.

Quem ama ao próximo, deseja ao semelhante o que quer para si. É o reconhecimento da paternidade divina, expandida na fraternidade universal. O amor ao próximo é a ponte que liga a criatura ao Criador.

Pelas palavras de Jesus, podemos entender que o único caminho da salvação é a prática da caridade com humildade, absolutamente contrária ao caminho da perdição, o egoísmo e o orgulho.

Do amor ao próximo, como a nós mesmos, nasce a caridade e esta reside no socorro que devemos prestar aos nossos irmãos pela nossa inteligência, pelo nosso coração, com brandura e humildade, para não tornar penoso ao nosso irmão, receber o auxílio material, moral, intelectual ou espiritual que lhes dispensamos.

Como está implícito no amor de Deus, a prática da caridade para com o próximo e todos os deveres do ser humano podem ser resumidos na máxima: “Fora da caridade não há salvação”, pois tudo aquilo que se aprende em conceitos deve-se revelar, concretamente na caridade das ações.

Como exigir ou esperar atitudes nobres dos semelhantes, se não se desenvolverem a paciência e a benevolência para com eles?

Se o ser humano não praticar o amor ao próximo, como pode amar a Deus?

Necessidade da caridade segundo Paulo:

“Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que soa, ou como o sino que tine. E se eu tiver o dom da profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber; e se tiver toda a fé, até ao ponto de transportar montanhas, e não tiver caridade, não sou nada. E se eu distribuir todos os meus bens no sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se, todavia, não tiver caridade, nada disto me aproveita. A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não obra temerária nem precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. A caridade nunca, jamais há de acabar; ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas, ou seja abolida a ciência. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três virtudes : porém a maior delas é a caridade”. (Paulo, I Coríntios, 13:1-8 e 13)

Paulo compreendeu tão profundamente esta verdade, que coloca a caridade acima da própria fé. Porque a caridade está ao alcance de todos, do ignorante e do sábio, do rico e do pobre; e porque independe de toda crença particular. E define a verdadeira caridade, mostrando-a não somente na beneficência, mas no conjunto de todas as qualidades do coração, de todas as virtudes, na bondade e na benevolência para com o próximo.

De Paulo, a máxima: “Fora da caridade não há salvação” retornou ao tema em 1860 em Paris, numa comunicação, dizendo: “Pois nela estão contidos os destinos dos homens sobre a terra e no céu, porque aqueles que a tiverem praticado encontrarão graça diante do Senhor”.

Encerrando a sua mensagem, traz a exortação: “Meus amigos, agradecei a Deus, que vos permite gozar a luz do Espiritismo. Não porque somente os que a possuem possam salvar-se, mas porque, ajudando-vos a melhor compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos torna melhores cristãos. Fazei, pois, que, vos vendo, se possa dizer que o verdadeiro Espírita e o verdadeiro cristão são uma e a mesma coisa, porque todos os que praticam a caridade são discípulos de Jesus, qualquer que seja o culto a que pertençam”.

Família – Jesus no lar:

A lição de Jesus, a respeito do culto cristão no lar, foi transmitida por Nélcio Lúcio, no livro “Jesus no Lar”, psicografado por Chico Xavier, da seguinte forma:

Povoara-se o firmamento de estrelas, dentro da noite prateada de luar, quando o Senhor tomou os sagrados escritos e, como se quisesse imprimir novo rumo à conversa, que se fizera improdutivo e menos edificante, falou com bondade:

- Simão, que faz o pescador, quando se dirige ao mercado com os frutos de cada dia?

O apóstolo pensou por alguns momentos e respondeu-lhe hesitante:

- Mestre, naturalmente, escolhemos os peixes melhores. Ninguém compra os resíduos da pesca.

- E o oleiro? Que faz para atender à tarefa que se propõe?

- Certamente, Senhor, redargüiu o pescador intrigado, modela o barro, imprimindo a forma que deseja.

O amigo celeste, de olhar compassivo e fulgurante, insistiu:

- E como procede o carpinteiro para alcançar o trabalho que pretende?

O interlocutor, muito simples, informou sem vacilar:

- Lavrará a madeira, usará o enxó e o serrote, o martelo e o formão. De outro modo, não aperfeiçoará a peça bruta.

Calou-se Jesus por alguns instantes, e aduziu:

- Assim, também, é o lar diante do mundo. O berço doméstico é a primeira escola e o primeiro templo da alma. A casa do homem é a legítima exportadora de caracteres para a vida comum. Se o negociante seleciona a mercadoria, se o marceneiro não consegue fazer um barco sem afeição a madeira aos seus propósitos, como esperar uma comunidade segura e tranqüila sem que o lar se aperfeiçoe? A paz do mundo começa sob as telhas a que nos acolhemos. Se não aprendermos a viver em paz, entre quatro paredes, como aguardar a harmonia das nações? Se não nos habituarmos a amar o irmão mais próximo, associado à nossa luta de cada dia, como respeitar o eterno Pai que nos parece distante?

Jesus relanceou o olhar pela sala modesta, fez pequeno intervalo e continuou:

- Pedro, acendamos aqui, em torno de quantos nos procurem a assistência fraterna, uma claridade nova. A mesa de tua casa é o lar de teu pão. Nela, recebe o Senhor o alimento para cada dia. Por que não instalar ao redor dela, a sementeira da felicidade e da paz na conversação e no pensamento? O Pai, que nos dá o trigo para o celeiro, através do solo, envia-nos a luz através do céu. Se a claridade é a expansão dos raios que a constituem, a fartura começa no grão. Em razão disso, o Evangelho não foi iniciado sobre a multidão, mas, sim, no singelo domicílio dos pastores e dos animais.

Simão Pedro fitou no Mestre os olhos humildes e lúcidos e, como não encontrasse palavras adequadas para explicar-se, murmurou, tímido:

- Mestre, seja feito como desejas.

Então Jesus, convidando os familiares do apóstolo à palestra edificante e à meditação elevada, desenrolou os escritos da sabedoria, e abriu, na Terra, o primeiro culto cristão no lar.

Casamento e divórcio:

O casamento é uma instituição divina, inserida na lei de reprodução e fundada na união conjugal, para que se opere a renovação e a espiritualização dos seres. Ele implica no “regime de vivência pelo qual duas criaturas se confiam uma à outra, no campo da assistência mútua”, como bem define Emmanuel.

Segundo Kardec, “o casamento é um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas porque estabelece a solidariedade fraterna e se encontra entre todos os povos, embora nas mais diversas condições”.

A despeito da chamada “crise do casamento” moderna, aboli-lo, de fato, significaria um retorno à infância da humanidade, colocando o ser humano abaixo de alguns animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes. A união livre e fortuita dos sexos, realmente, reflete o estado de natureza, colocando o ser humano na condição de barbárie.

As leis:

A união pelo casamento reflete as leis divinas, leis imutáveis e perfeitas, que estabelecem a perpetuação da espécie pela reprodução e evolução dos seres. Aí predomina a lei do amor, exclusivamente de caráter moral, que paira acima das condições eminentemente físicas do casamento.

Em relação à lei civil, lei humana que traz em si o caráter da falibilidade, “não há em todo o mundo, e mesmo na cristandade, dois países em que elas sejam absolutamente iguais, e não há mesmo um só em que elas não tenham sofrido modificações através dos tempos. Resulta deste fato que, perante a lei civil, o que é legítimo num país e em certa época, torna-se adultério noutro país e noutro tempo” - (“O Evangelho Segundo o Espiritismo” – capítulo 22 – item 2).

Todavia, Deus quis que as criaturas se unissem, não apenas pelos laços carnis, mas também pelos da alma, “a fim de que a mútua afeição dos esposos se estenda aos filhos, e para que sejam dois, em vez de um, a amá-los, tratá-los e fazê-los progredir”. “Imperioso, porém”, diz Emmanuel, “que a ligação se baseie na responsabilidade recíproca, de vez que na comunhão sexual um ser humano se entrega a outro ser humano, por isso mesmo, não deve haver qualquer desconsideração entre si”.

Formas e aspectos do casamento:

Os casamentos podem ser classificados em função dos interesses de cada criatura e muitas vezes até de interesses de ordem familiar, por força de fortunas envolvidas; das afinidades, sejam elas de natureza espiritual, intelectual ou meramente cultural; dos resgates e oportunidades de evolução, casamentos estes precedidos de cuidadosa programação para que seja bem sucedida a união, seja em relação aos cônjuges, aos filhos, ou à parentela.

Na doutrina espírita não se realizam casamentos, da mesma forma que não se ministram batismos ou quaisquer outros sacramentos, pois no Espiritismo não há ritual de nenhuma espécie. O verdadeiro casamento é aquele que se procura compreender sob a ótica das leis naturais ou divinas, em sua essência, liberto dos convencionalismos humanos, propriamente ditos, sabidamente transitórios.

Divórcio:

Quando Kardec perguntou aos Espíritos acerca da indissolubilidade absoluta do casamento, estes lhes responderam que “é uma lei humana, muito contrária à lei natural” - (“O Livro dos Espíritos” – questão 697). Numa outra questão, complementando esse entendimento, sentenciaram: “em primeiro lugar, as vossas leis são erradas, pois acreditais que Deus vos obriga a viver com aqueles que vos desagradam?” - (“O Livro dos Espíritos” – questão 940).

Jesus também não condenava objetivamente o divórcio, mas enfatizava que muitas coisas ocorriam devidas à dureza de nossos corações. Embora não sendo contrário à lei de Deus, o divórcio interrompe o processo de harmonização entre as criaturas, transferindo o compromisso e a solução dos problemas comuns para as existências posteriores. Trata-se de uma dolorosa cirurgia psíquica, somente admissível em casos extremos, quando se constituir no mal menor.

Livre arbítrio e fatalidade:

Ao tratar da criação dos Espíritos, o Espírito Galileu Galilei, assim se expressa: O Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, ao mesmo tempo, o livre-arbítrio e a consciência, a noção dos seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra de sua individualidade; é somente a partir do dia em que o Senhor imprime sobre sua fonte seu augusto sinal, que o Espírito toma lugar entre as humanidades - (“A Gênese” - Capítulo 6, item 19)

O homem goza do livre-arbítrio a partir do momento em que se manifesta a vontade de agir livremente; porém, “nas primeiras fases da vida a liberdade é quase nula; ela se desenvolve e muda de objeto com as faculdades”- (“O Livro dos Espíritos” – questão 844)

A liberdade de agir, portanto, é relativa, pois depende, primeiramente, da vontade de realizar algo. No princípio de seu desenvolvimento, o Espírito ainda não sabe direcionar sua vontade, senão para a satisfação de suas necessidades básicas. Neste caso, prevalece o instinto. Uma vez ampliada a sua consciência, novos interesses surgem. À medida que sua vida vai se tornando complexa, o livre-arbítrio é limitado pela atuação da lei de causa e efeito, até que o ser consiga libertar-se do círculo de reencarnações e aí seu exercício torna-se pleno.

De maneira geral, contudo, somos livres para agir e somos responsáveis pelos esforços que fazemos para superar os obstáculos, para realizar nosso programa de vida e para progredir. Nenhuma oportunidade nos é negada; mas não podemos pensar em fazer as coisas de qualquer jeito, burlando as leis divinas, como burlamos as leis humanas.

Isso não quer dizer que haja um fatalismo nos acontecimentos da vida, como se tudo já estivesse escrito previamente; pois, “fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte”, segundo o conceito do Espírito da Verdade a Kardec - (“O Livro dos Espíritos” – questão 853).

Todavia, só desencarnamos quando nossa hora é chegada. Essa hora é aquela prevista em nosso programa encarnatório ou aquela que assinalamos pela nossa imprevidência com excessos que cometemos, perigos desnecessários a que nos expomos ou vícios que podem abreviar nossa existência. Não sabemos de antemão que gênero de morte teremos, mas sim a que tipo de perigos estamos expostos pelo gênero de vida que escolhemos.

Além disso, na nossa condição evolutiva, estamos sujeitos, irresistivelmente, à lei das reencarnações, pois se o Espírito permanecesse no mundo espiritual, “ficaria estacionário, e o que se quer é avançar para Deus” - (“O Livro dos Espíritos” – questão 175-a). Portanto, tanto o momento da encarnação, como o da desencarnação, é fatal: “a fatalidade só consiste nestas duas horas: aquelas em que deveis aparecer e desaparecer neste mundo” - (“O Livro dos Espíritos” – questão 859).

Há, porém, um outro tipo de fatalidade, referente à escolha que o Espírito faz de suas provas, no momento da encarnação. Ciente de suas necessidades. “traça para si mesmo uma espécie de destino, que é a própria consequência da posição em que se encontra” - (“O Livro dos Espíritos” – questão 851).

É o caso das provas físicas, que vão delimitar as manifestações do próprio Espírito. Quanto às provas morais e às tentações, poderá ceder ou resistir a elas, pois conserva o livre-arbítrio para o bem e o mal. Neste caso, conscientiza-se da necessidade do auto conhecimento e da reforma íntima e faz tudo por melhorar-se, superando suas imperfeições.

O Espiritismo na atualidade:

Depois de séculos de obscurantismo religioso e do dogmatismo imposto, consciências amadurecidas começam a despertar em busca de solução para seus problemas transcendentais. Nos dias de hoje, vê-se um surto desenfreado de seitas e doutrinas que procuram atender aos Espíritos inquietos, sedentos de novas luzes. Há um inegável interesse pelo fenômeno, como resposta às velhas questões filosóficas, sem qualquer consequência de ordem moral.

Nesse diapasão, vê-se um crescimento do espiritualismo no mundo, redescobrimo velhas práticas, com roupagem moderna. Presas ao imediatismo da vida material, as criaturas especulam em todos os campos possíveis, no encalço de formulas mágicas ou de revelações fantásticas que lhes atendam os anseios da curiosidade vã.

Quando se trata do comportamento humano e das suas consequências morais, o ser humano ainda se reserva o direito de não esmiuçá-lo, conservando-se como era e como pretende continuar sendo, protegido pelos mecanismos de defesa da sua personalidade. A nova ordem de coisas custa a penetrar nos corações mais endurecidos.

O Espiritismo, porém, como o Consolador Prometido pelo Cristo, surge no horizonte humano como um oásis em meio ao universo de desinformação e de desesperança, oferecendo ao ser humano o conhecimento da verdade que liberta e eleva o Espírito. Enquanto muitos ainda permanecem presos aos modismos, buscando soluções imediatistas para problemas enraizados na personalidade desde longa data, e aderindo às práticas

místicas do passado, com roupagem de moderna, “o Espiritismo, nos tempos modernos, é, sem dúvida, a revivescência do Cristianismo em seus fundamentos mais simples”, como enfatiza Emanuel.

Mostrando ao homem que ele é o inter existente, isto é, aquele que vive entre dois mundos, oferece-lhe novas oportunidades de realização, por alterar-lhe o panorama das cogitações mentais. A sobrevivência além da morte já não encerra a criatura nos círculos intransponíveis do céu, inferno e purgatório. A pluralidade dos mundos habitados, da mesma forma, não prende o Espírito nas teias incompreensíveis da mesquinha problemática planetária.

O diálogo ente vivos e mortos alarga o universo do conhecimento e preserva os laços afetivos bem formados. Os sofrimentos não são senão nódulos temporários na cadeia de evolução, dissolvidos pelo trabalho digno e pelo conhecimento de si mesmo, que levam o indivíduo a harmonizar-se definitivamente com os imperativos da lei divina. O princípio da reencarnação passa a ser entendido como a chave que abre as portas da existência a todos quantos desejem ardentemente atingir a perfeição a que todos estamos destinados pela justiça e amor divinos.

Hoje, encontramos na literatura espírita toda sorte de recursos para a renovação necessária, nas obras da codificação encontramos: Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” o roteiro para a solidificação do comportamento fraterno cristão. Em “O Livro dos Espíritos”, os princípios filosóficos para a fortificação do pensamento bem formado, em “O Livro dos Médiuns”, a prática mediúnica.

Além disso, a obra de Francisco Candido Xavier, com mais de quatrocentos títulos, surge como um indispensável complemento para o conhecimento do Espírito imortal, mormente com as mensagens dos Espíritos André Luiz e Emmanuel. Da pena mediúnica, ainda cumpre ressaltar a obra de Divaldo Pereira Franco, composta de muitos títulos e ditada por Joanna de Angelis, Manoel Philomeno de Miranda, Victor Hugo, entre outros Espíritos.

Não bastasse todo esse manancial de bênçãos, há ainda o trabalho dos clássicos como Léon Dennis, Gabriel Delanne, Camille Flammarion, Dr. Bezerra de Menezes e Ernesto Bozzano, entre os mais notáveis. Autores contemporâneos devem ser lembrados também: José Herculano Pires, Hermínio C. Miranda, Martins Peralva, Richard Simonetti, Paulo Alves Godoy, Jorge Andréa, Manoel Pelicas São Marcos, Manoel Portasio Filho e Astrid Sayegh.

Hoje sente-se a necessidade da unificação do Espiritismo, em torno do ideal do ensino espírita, do aprendizado da doutrina, principalmente no que diz respeito ao Evangelho de Jesus, com a prática da caridade e do amor ao semelhante. Congressos mundiais ou internacionais vêm sendo organizados com essa finalidade no Brasil e na Europa.

Se o Espiritismo começou com a curiosidade, causada pela estranheza dos fenômenos, e passou para a fase do raciocínio e da filosofia, é chegado o terceiro momento: da aplicação e das conseqüências. Já superamos a etapa da fé cega e chegamos ao porto seguro da fé raciocinada, sob as claridades inegáveis de um novo tempo. Não basta conhecer o Evangelho; é preciso praticá-lo. Não é suficiente ter os exemplos de Jesus na memória; é imprescindível inscrevê-los no coração e segui-Lo, além dos limites do tempo.

QUESTÕES PARA ESTUDO

1- Qual das frases abaixo expressa melhor a definição que o apóstolo Paulo faz de caridade?
Caridade é:

- () a capacidade de compreender o sofrimento do outro.
- () uma virtude tão importante quanto a fé.
- () o conjunto de todas as virtudes.

2- O que representa o lar no processo de evolução do ser humano?

3- Por que a união conjugal representa progresso do ser humano?

4- Como o Espiritismo vê o divórcio?

5- Quais devem ser as bases para que uma união entre dois seres se solidifique?

6- Por que na Religião Espírita não há casamentos, batizados e os demais sacramentos reconhecidos por outras religiões?

7- O que limita o livre arbítrio do ser humano, transformando-o em fatalidade? Explique.

8- O que significa destino na visão espírita?

Para refletir:

O amor a si mesmo é uma forma de egoísmo?

Sugestão de leitura:

“O Livro dos Espíritos” Allan Kardec – Parte terceira – Das leis morais – Capítulos 1 a 12

BIBLIOGRAFIA

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec
O Livro dos Médiuns – Allan Kardec
O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec
O Céu e o Inferno – Allan Kardec
A Gênese – Allan Kardec
Obras Póstumas – Allan Kardec
O que é o Espiritismo – Allan Kardec
Nosso Lar – Chico Xavier / André Luiz
Missionários da Luz – Chico Xavier / André Luiz
Evolução em Dois mundos – Chico Xavier – Waldo Vieira / André Luiz
Mecanismos da Mediunidade – Chico Xavier / André Luiz
Entre a Terra e o Céu – Chico Xavier / André Luiz
Libertação – Chico Xavier / André Luiz
Sexo e Destino – Chico Xavier / André Luiz
Ação e Reação – Chico Xavier / André Luiz
Obreiros da Vida Eterna – Chico Xavier / André Luiz
A Caminho da Luz – Chico Xavier / Emmanuel
O Consolador – Chico Xavier / Emmanuel
Sexo e Vida – Chico Xavier / Emmanuel
Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho – Chico Xavier / Humberto de Campos
História do Espiritismo – Arthur Conan Doyle
Allan Kardec – Zeus Wantuil / Francisco Thiesen – (vol. 1)
Entendendo o Espiritismo – Autores diversos – Editora Aliança
Estudos Espíritas – Divaldo P. Franco / Joana de Angelis
O Problema do Ser do Destino e da Dor – Leon Dennis
Depois da Morte – Leon Dennis
O Porquê da Vida – Leon Dennis
Curso Dinâmico de Espiritismo – Herculano Pires
Mediunidade – Herculano Pires
O Espírito e o Tempo – Herculano Pires
A Crise da Morte – Ernesto Bozzano
O Perispírito – Zalmiro Zimmermann
A Reencarnação na Bíblia – Hermínio C. Miranda
O Pensamento de Emmanuel – Martins Peralva
Parábolas e Ensinos de Jesus – Cairbal Schutel
A Evolução Anímica – Gabriel Delanne
A Pluraridade dos Mundos Habitados – Camille Flammarion
Cosmos – Carl Segan
A História Natural da Evolução – Phillip Whitfield
História da Filosofia – Julian Marias